A coleção de oito volumes, em comemoração aos 20 anos do início do programa, torna público em sua íntegra os 'Subsídios para o estudo comparado dos artefatos resgatados: referência AF.IR.020, projeto B.C. BYTE, 1995-2015'. Em 1995, a exposição inédita de onze objetos arqueológicos simultaneamente à divulgação de descobertas recentes de artefatos similares pouco estudados e que permaneciam esquecidos em acervos dos departamentos de arqueologia das universidades, museus e instituições afins, propiciou a elaboração deste projeto para a reavaliação e reestudo extensivo a uma série de peças consideradas de menor relevância, exumadas em seis sítios arqueológicos ao longo de quase 90 anos. O projeto efetuou o resgate de grande parte da documentação histórica para a localização das descobertas destes objetos e a avaliação apurada deles, utilizando tecnologias de última geração. Os novos métodos de identificação possibilitaram a elaboração de novas hipóteses para uma interpretação contextualizada. O programa proporcionou também o reexame dos locais das escavações de cinco sítios arqueológicos onde parte dos referidos objetos encontravam-se depositados. À partir de uma recolha e organização dos dados disponíveis para o trabalho de campo das expedições (prospecção e escavação), a noção pré-existente foi alterada, suscitando novas descobertas, análises e interpretações.

Volume I
Projeto B.C. Byte.

Inês Raphaelian (org.)

**Subsídios para o estudo comparado
dos artefatos resgatados:
referência AF.IR.020 projeto B.C. BYTE
1995-2015**

Volume I
Projeto B.C. Byte.

Inês Raphaelian (org.)

**Subsídios para o estudo comparado
dos artefatos resgatados:
referência AF.IR.020
projeto B.C. BYTE
1995-2015**

Maria **Inês Raphaelian** Sodré Cardoso

3242419/2

Cardoso, Maria Inês Raphaelian Sodré

Subsídios para o estudo comparado dos artefatos resgatados:
referência AF.IR.020 | projeto B.C. BYTE | 1995-2015. - 2015
335p. : il.

Trabalho equivalente a tese de doutorado em Poéticas Visuais
(Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo)

Orientador Prof. Dr. Luiz Claudio Mubarac.

1. Arqueologia. 2. Artefato. 3. Iconografia 4. Interpretação
I. Mubarac, Luiz Claudio II. Título

700

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Departamento de Artes Plásticas

Doutorado
Orientador Prof. Dr. Luiz Cláudio Mubarac

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ECA USP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Subsídios para o estudo comparado dos artefatos resgatados:
referência AF.IR.020 | projeto B.C. BYTE | 1995-2015.

Maria **Inês Raphaelian** Sodré Cardoso

Trabalho artístico equivalente a tese de doutorado,
apresentado à Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo, para obtenção do título de
doutor em artes.

Área de concentração: poéticas visuais.

Prof. orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Mubarac.

doutorado
2015

Banca examinadora

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Orientador Prof. Dr.

São Paulo, _____ de _____ de 2016

As referências bibliográficas correspondem, além das fontes para a
elaboração da publicação, ao resgate das referências outras que instigam e
detonam o processo criativo para a realização dos trabalhos plásticos,
assim como a forma e metodologia adotada para a elaboração deste
trabalho equivalente à tese de doutorado.

“A obra é a sobre”. *Teixeira Coelho*

Esta publicação é baseada em fatos reais
com a permissão da liberdade poética concedida a Inês Raphaelian
São Paulo | Brasil | primavera de 2015

**Subsídios para o estudo comparado
dos artefatos resgatados:**
referência AF.IR.020 projeto B.C.BYTE
1995-2015

Inês Raphaelian (org.)

© Aglaura editorial, 2015, 1ª edição.

As opiniões expressas em texto e imagens são
de exclusiva responsabilidade de seus respectivos autores.

coordenação geral

Inês Raphaelian

conselho editorial

Claude Molbar Akyi - Universidade de Aglaura

Joseph Ishpaniol - Universidade de Shên Pali

Marcus Boothy - Universidade de Saint Paul

consultoria técnica

Angelique Seminova Trokofievna

projeto gráfico

Carlos Clémen

IRBC 01.09-1961

05565-160 São Paulo SP Brasil

e-mail: raphaelian@terra.com.br

**Subsídios para o estudo
comparado dos artefatos resgatados:
referência AF.IR.020
projeto B.C. BYTE 1995-2015**

Volume I Projeto B.C. Byte.

Inês Raphaelian (org.)

Resumo

A coleção de oito volumes, em comemoração aos 20 anos do início do programa, torna público em sua íntegra os 'Subsídios para o estudo comparado dos artefatos resgatados: referência AF.IR.020, projeto B.C. BYTE, 1995-2015'. Em 1995, a exposição inédita de onze objetos arqueológicos simultaneamente à divulgação de descobertas recentes de artefatos similares pouco estudados e que permaneciam esquecidos em acervos dos departamentos de arqueologia das universidades, museus e instituições afins, propiciou a elaboração deste projeto para a reavaliação e reestudo extensivo a uma série de peças consideradas de menor relevância, exumadas em seis sítios arqueológicos ao longo de quase 90 anos. O projeto efetuou o resgate de grande parte da documentação histórica para a localização das descobertas destes objetos e a avaliação apurada deles, utilizando tecnologias de última geração. Os novos métodos de identificação possibilitaram a elaboração de novas hipóteses para uma interpretação contextualizada. O programa proporcionou também o reexame dos locais das escavações de cinco sítios arqueológicos onde parte dos referidos objetos encontravam-se depositados. À partir de uma recolha e organização dos dados disponíveis para o trabalho de campo das expedições (prospecção e escavação), a noção pré-existente foi alterada, suscitando novas descobertas, análises e interpretações.

Palavras-chave: arqueologia, artefatos, iconografia, interpretação

Abstract

The eight-volume collection, celebrating the twentieth anniversary of the beginnings of the program made public in its entirety through 'Subsidies for the comparative study of the artifacts rescued, reference AF.IR.020: project B.C. BYTE, 1995-2015'. In 1995, an unprecedented exhibition of eleven archaeological objects simultaneously with the disclosure of recent discoveries of similar and less studied artifacts, remained forgotten in collections of archeology departments of universities, museums and related institutions, which led to the development of this project for review and extensive re-study of a number of considerably less relevant parts exhumed from six archaeological sites for almost ninety years. The project rescued much of the historical documentation on the location of these discovered objects and provided precise evaluation using the latest technology. These new identification methods made possible the development of new hypotheses for its contextualized interpretation. The program also provided the review of five archaeological sites of excavations where some of these objects found themselves deposited. From the collection and organization of the data available for the field work expeditions (prospecting and excavation), its initial image was changed, raising new findings, analyzes and interpretations.

Keywords: archaeology, artifacts, iconography, interpretation.

Sumário

Os agradecimentos	12
1. Introdução Inês Raphaelian	18
1.1. O projeto	21
1.1.1. A publicação	26
1.1.2. A base teórica	28
1.1.3. A metodologia	29
1.1.4. Os trabalhos de campo	31
1.1.5. A base de dados, registro e apresentação dos dados gerais ..	35
1.1.6. O registro e apresentação dos dados relativos aos artefatos .	38
1.1.7. A plataforma ARCHIRBC017	39
2. Apresentação das Expedições contempladas no Programa B.C. Byte.	41
2.1. Expedição Egito 1993 Angelus Tzermlyzas	42
2.1.1. Conteúdo do Volume II	52
2.2. Expedição Banff 1996 John Tupler	54
2.2.1. Conteúdo do Volume III	61
2.3. Expedição Itaparica 2003 Taylor Van Loch	62
2.3.1. Conteúdo do Volume IV	68
2.4. Expedição Armênia 2006 Marlis Sagasyan	70
2.4.1. Conteúdo do Volume V	81
2.5. Expedição Montemor-o-Novo 2011 Cira Kamacho	82
2.5.1. Conteúdo do Volume VI	91
2.6. Expedição Marajó 2013 Hugo Maltese	92
2.6.1. Conteúdo do Volume VII	98
2.7. Documentação arqueológica e processual Aidéer Blavatsky Bureau	100
2.7.1. Conteúdo do Volume VIII	104
2.8. Notas	106
3. Referências Bibliográficas	110
4. Anexos	123

Anexo 1

Situação geográfica dos sítios arqueológicos contemplados no projeto	125

Figuras 1 a 7 - Templo de Mut, Complexo de Karnak, Egito.
Figuras 8 a 14 - Lago Luise, Banff National Park, Alberta, Canadá.
Figuras 15 a 19 - Fundação Sacatar, Ilha de Itaparica, Bahia, Brasil.
Figuras 20 a 31 - Sevanavank, Lago Sevan, Armênia.
Figuras 32 a 38 - Anta Grande da Comenda, Montemor-o-Novo, Portugal.
Figuras 39 a 45 - Bagre e Gurupá, Arquipélago de Marajó, Pará, Brasil.

Anexo 2

Registro fotográfico: Arqueologia de campo, processo de identificação, análise e divulgação	161

Figuras 46 a 81 - Expedição Egito | 1993
Figuras 82 a 129 - Expedição Banff | 1996
Figuras 130 a 181 - Expedição Itaparica | 2003
Figuras 182 a 232 - Expedição Armênia | 2006
Figuras 233 a 292 - Expedição Montemor-o-Novo | 2011
Figuras 293 a 318 - Expedição Marajó | 2012

Anexo 3

Pranchas	253

I. Artefatos exumados nas expedições.

Pranchas 1 a 7 - Achados da Expedição Egito 1993.
Prancha 8 - Achados da Expedição Banff 1996.
Pranchas 9, 10 e 11 - Achados da Expedição Itaparica 2003.
Pranchas 12, 13 e 14 - Achados da Expedição Armênia 2006.
Pranchas 15 a 19 - Achados da Expedição Montemor-o-Novo 2011.
Pranchas 20, 21 e 22 - Achados da Expedição Marajó 2013.

II. Objetos em estudo nos Acervos de Museus .

Prancha 23 - Alace Museum, Aglaura, Grécia.
Prancha 24 - Qinjpu Museum, Shanghai, China.
Prancha 25 - The Egyptian Museum, Cairo, Egito.
Pranchas 26, 27 e 28 - Département des Antiquités Égyptiennes, Musée du Louvre, Paris, França.
Pranchas 29 e 30 - The British Museum, Londres, Inglaterra.
Prancha 31 - Walter Philips Museum of Natural History, Banff, Alberta, Canadá.
Prancha 32 - Maya Museum, Cancun, México.
Prancha 33 - Museu de Arqueologia e Etnologia, Salvador, Bahia, Brasil.
Prancha 34 - National Gallery of Armenia, Yerevan, Armênia.
Pranchas 35 e 36 - Sigmund Freud Museum, Viena, Áustria.
Prancha 37 - Museu Arqueológico de Montemor, Montemor-o-Novo, Portugal.
Prancha 38 - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.
Prancha 39 - Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal.
Prancha 40 - Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil.

Os agradecimentos

O programa de pós-escavação, reexame, avaliação e catalogação foi realizado por uma equipe liderada pela *Amber Archaeology Organization* e gerenciado em nome do Programa B.C. Byte por Inês Raphaelian, com o apoio financeiro da Organização para Pesquisa Científica (OPC) em parceria com os Ministérios da Educação, da Cultura e da Ciência em colaboração com as Agências do Patrimônio Histórico e Cultural do Egito, Canadá, Armênia, Brasil e Portugal.

De acordo com a envergadura do empreendimento e necessidades locais, organizou-se equipes de especialistas na sede de cada um dos sítios arqueológicos do programa:

O resgate dos dados referentes à Expedição de 1993, no Templo de Mut: o levantamento dos documentos, relatórios e fichas de campo, localização dos achados, reexame dos artefatos, contextualização histórica e estudo comparativo de iconologia ficou a cargo dos eméritos arqueólogos Angelus Tzermyzas (da Universidade de Aglaura) e Pavlos Vuaiatzys (da Universidade de Atenas), com a colaboração da equipe da *Amber Archaeology Organization* e sob a coordenação de Inês Raphaelian.

Em 1996, a equipe da Expedição Banff foi coordenada por Sara Emerald e John Tupler. O levantamento geofísico foi realizado por Andrea Volenzak e Andrés Valverde. As pesquisas de campo e topográfica foram realizadas por Edgar Clemente. A estratégia de escavação foi concebida por Inês Raphaelian. As escavações foram realizadas por um time de arqueólogos composto por Chyla Kanburman, Dean Goody, Annemarie Leger, Davi Hoffus, Jinhan Bear Banan Kotsuo, Anne Davids Mulfort, Edgar Clemente, Jean Adams e Eddy Baumling, com a assistência do time de infraestrutura do Banff National Park.

A identificação dos artefatos foi efetuada por Patrícia Martinez e Eddy Baumling. O relatório foi coordenado por Wicky Alexandre. A organização do arquivo da avaliação pós-escavação e análise empreendida foi realizada por Luis Jorge Marzot, com relatórios dos especialistas preparados por Patrícia Martinez. Comentários adicionais sobre a natureza dos sedimentos relacionada aos depósitos foram fornecidos pela comissão do departamento de geofísica da Universidade de Calgary. O projeto de pós-escavação foi organizado e elaborado por Davi Hoffus. As ilustrações foram selecionadas por Lurdes Groubet.

A equipe da Expedição Itaparica (2003), foi coordenada pelos diretores da Fundação Sacatar, Taylor Van Loch e Mitch Horne, com a colaboração especial de Vincent Agustinovich (Professor Emeritus da Iberoislatic Antiquities da New York University em New Jersey). As pesquisas de campo e topográfica foram realizadas por Andreia Gardenia Maia. A estratégia de escavação foi concebida por Inês Raphaelian. As escavações foram realizadas pelo time de arqueólogos composto por Andreia Gardenia Maia, Taylor Van Loch, Padma Vanathan, Carl Stevens e Corazón Philipins. O relatório, a organização do arquivo da avaliação pós-escavação e a análise empreendida foram realizadas por Padma Vanathan. Os objetos foram identificados por Inês Raphaelian. As ilustrações foram selecionadas por Carl Stevens.

Em 2006, a Expedição Armênia foi coordenada por Inês Raphaelian. O levantamento geofísico foi realizado por Ashot Avagyan. As pesquisas de campo e topográfica foram realizadas por Mkrtich Sargsyan. A estratégia de escavação foi concebida por Carl Juneyan. O relatório final e as considerações para análise foram concebidas por Apinya Tokjyan e Marlis Sagasyan. As escavações foram realizadas pelo time de arqueólogos formado por Ashot Avagyan, Azat Tonoyan, Mkrtich Sargsyan, Valerie

D'Antasian, Cecile Pagesian, Peter Hauryian, Elke Hammeslteian, Behrang Samazadegian, Luis Noblesian, Veronique Collignonyan, Thomas Bonnyan, Apinya Tokjyan, Marlis Sagasyan, Julie Haywardyan, Marlyne Perronetyan, Jurgen Ramacheryan, Artur Yangyan, Carl Juneyan e Sergey Balandinyan. A identificação dos artefatos foi efetuada por Inês Raphaelian e Valerie D'Antasian. A organização do arquivo da avaliação pós-escavação e a análise empreendida foram realizadas por Marlis Sagasyan. Comentários adicionais sobre a natureza dos sedimentos relacionada aos depósitos foram fornecidos por Artush Yeghosian. O projeto de pós-escavação é realização de Sergey Balandinyan. As ilustrações foram selecionadas por Azat Tonoyan.

A Expedição Montemor-o-Novo, em 2011, contou com a coordenação de Inês Raphaelian, Cira Kamacho e Charles Carpet e com o apoio da Associação Cultural Oficinas do Convento, do setor de Arqueologia do Castelo e do Departamento de Patrimônio Histórico de Montemor-o-Novo. O levantamento dos relatos históricos ficou a cargo de Vasco Silveira. A pesquisa de campo foi realizada por José Dumuinho e a logística operacional por Sandra Habbyt. A estratégia de escavação foi concebida por Cira Kamacho. As escavações foram coordenadas por Charles Carpet. Ismênia Santini foi responsável pelas anotações de campo. O relatório foi coordenado por Pedro Grena. A identificação dos artefatos foi efetuada por Anna Cravo. A organização do arquivo da avaliação pós-escavação foi realizada por Nilson Santoro, com relatórios de especialistas preparados por Manuel Maria. O projeto de pós-escavação foi elaborado por Inês Raphaelian. Os registros fotográficos de campo são de Mafalda Fernandez e Joana Torjal e as ilustrações foram selecionadas por Thiago Froizes, com a assistência técnica de Jayme Lago. O vídeo é autoria de Rui Cacilhas. A expedição também contou com o apoio técnico de Virgínia Froizes, Fátima Limeira e Joaquim Pimenta.

A coordenação de equipe da Expedição Marajó, sob a responsabilidade de Hugo Maltese, contou com a colaboração da equipe de arqueólogos do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal do Pará e da equipe do Departamento de Conservação e Restauro do Museu Paraense Emílio Goeldi. O levantamento geofísico, as pesquisas de campo e topográficas ficaram a cargo da equipe de Geologia da Universidade do Pará. A estratégia de escavação foi concebida por Calado e Silva. O relatório foi coordenado por Manoel Fornari. A organização do arquivo da avaliação pós-escavação, identificação dos artefatos e a seleção das ilustrações foram de responsabilidade de Inês Raphaelian.

A tarefa de organização e catalogação da pesquisa de documentação arqueológica e documentação processual geradas com o Projeto B.C. Byte, os índices remissivos e a elaboração do glossário foram realização do Aidéer Blavatsky Bureau, assim como a listagem completa dos registros fotográficos, de arqueologia de campo, análises laboratoriais e divulgação, com as referências arquivísticas e procedência e créditos das imagens.

Este trabalho não seria possível sem o suporte técnico da Fundação Pró Arqueologia Morbasic e das equipes dos departamentos de Arqueologia para a concessão ao acesso de documentos, relatórios de análises dos arquivos e acervos: Alace Museum (Aglaura, Grécia), The Egyptian Museum (Cairo, Egito), Département des Antiquités Égyptiennes - Musée du Louvre (Paris, França), The British Museum (Londres, Inglaterra), Collection of Ancient Egypt (The Metropolitan Museum of Art, New York, USA), Royal Alberta Museum, Edmonton, Royal Tyrrell Museum, Banff National Park, Chacmool Archaeological Association, University of Calgary e Department of Archaeology (Alberta, Canadá), Maya Museum (Cancun, México), National Gallery of Armenia e Erebuni Historical & Archeological Museum (Yerevan, Armênia), Sergey

Dzitoghtsyan Merkurov Memorial Museum (Gyumri, Armênia), Sigmund Freud Museum (Viena, Áustria), Museu Arqueológico de Montemor-o-Novo (Montemor-o-Novo, Portugal), Fundação Calouste Gulbenkian e Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa, Portugal), Seoul Museum of History Jonggno-gu (Seul, Coreia do Sul), Qinqpu Museum (Shanghai, China) Museu de Arqueologia e Etnologia (Salvador, Brasil) e Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém do Pará, Brasil).

Finalmente, nossos agradecimentos extensivos ao suporte de Claude Molbar Akyi (professor da Universidade de Aglaura) para a realização do programa, à consultoria técnica de Angelique Seminova Trokofievna (arqueóloga aposentada do Museu de São Petersburgo), ao projeto gráfico de Carlos Clémen e para Pricilla Abrantes (diretora do Museu Alace) pela concessão de espaço para a apresentação da exposição "Antigos Artefatos | Novas Interpretações".

A exposição

Antecedendo o lançamento da publicação *Subsídios para o estudo comparado dos artefatos resgatados: referência AF.IR.020 | projeto B.C. BYTE | 1995-2015*, Inês Raphaelian, coordenadora geral do programa, organizou e apresentou em São Paulo (Brasil), a exposição "Antigos Artefatos | Novas Interpretações" para oferecer ao público o conhecimento destes achados arqueológicos anteriormente ocultos.

Projeto B.C. Byte

Introdução *Inês Raphaelian*

No século XX, milhares de escavações e projetos arqueológicos foram realizados e a documentação relativa a eles quase desapareceu perdida em caixas e gavetas de museus, universidades e instituições de Arqueologia. As escavações que este projeto irá considerar foram realizadas em parte em meados do século XIX, continuaram até o início deste século. Ocorreram em cinco países: Egito, Canadá, Armênia, Portugal e Brasil.

Estes projetos nunca foram devidamente concluídos após as expedições, primeiramente por envolverem artefatos de menor interesse. Foram esquecidos principalmente devido à falta de subsídios. Assim, os estudos preliminares e os relatórios destas escavações parciais não foram publicados para a Ciência. Com o objetivo de retomar os estudos relativos a estes artefatos recolhidos nas seis escavações e fazer um reexame deles utilizando novos métodos e técnicas, em 1995, um grupo internacional sob a coordenação de Inês Raphaelian iniciou o programa de pesquisa intitulado 'B. C. Byte'.

Em parceria com o Centro de Pesquisa Científica da Universidade de Aglaura, que atua como estrutura de acolhimento para pesquisadores no âmbito das pesquisas sobre meio, técnicas e culturas pré-históricas, o projeto teve por missão dirigir e participar das pesquisas para constituir um fundo de documentação sobre a iconografia pré-histórica. Assim, executou o serviço especializado de inventariar, estudar, proteger, conservar e promover o patrimônio arqueológico, com o apoio de uma equipe multidisciplinar que atuou como conselho do setor de patrimônio, e orientou nas questões da Arqueologia, do inventário e conservação de monumentos históricos.

O projeto pretende dar subsídios para a comparação com estudos provenientes de fontes objetivas, com dados notáveis recolhidos por expedições anteriores, e poderá levar a um reexame da evolução da civilização e a refletir sobre a História do homem moderno. Completando as investigações desses sítios arqueológicos, poderemos compreender melhor a complexa relação histórica entre estes países que provavelmente será contada a partir da interpretação dos artefatos achados. Dentro do programa, o projeto visa divulgar os resultados da investigação até o presente momento com esta publicação.

O levantamento deste processo por meio de imagens inéditas é privilegiado para publicação neste primeiro volume, que apresenta o panorama geral do projeto e pranchas com as fotografias de parte dos achados e artefatos em questão. A apresentação dos relatos e resultados completos, publicados nos volumes II, III, IV, V VI e VII, oferecerão as informações e avaliações pormenorizadas do contexto, situações geográficas, esquemas geomórficos, anotações de campo, tabelas e gráficos levantados para o reexame e análise interpretativa dos artefatos. Finalmente, no oitavo volume, encontra-se toda a catalogação, os documentos resgatados, a descrição dos artefatos e objetos exumados em cada um dos sítios arqueológicos, as fichas do inventário, a procedência e os créditos das imagens, além do índice remissivo, complementado por um glossário.

Os muitos milhares de páginas de conhecimento que o Projeto B. C. Byte irá produzir futuramente com o desenvolvimento das pesquisas serão divulgados em uma plataforma digital e acessíveis aos arqueólogos profissionais e outras partes interessadas. A Agência Patrimônio Cultural de Aglaura, em parceria com Fundação Pró Arqueologia Morbasic, desenvolve esta plataforma para incorporar os dados em uma infraestrutura internacional, que ligará as próprias fontes de dados da agência

com a dos parceiros e, em seguida, divulgará estes resultados ao público. Esta plataforma, composta por diferentes portais, será concluída em 2017, simultaneamente ao desenvolvimento de um novo sistema de informações arqueológicas interligadas e nomeado ARCHIRBC017. Nele estarão o fichário informatizado dos sítios, das escavações, e conjunto de documentação arqueológica. Por meio do ARCHIRBC017, o projeto irá supervisionar a publicação dos resultados das pesquisas, controlar os depósitos das escavações e coordenar as atividades nos seis sítios arqueológicos que o programa abrange.

O projeto foi contemplado com o apoio financeiro de €3 milhões investidos pela Organização para Pesquisa Científica (OPC) [nota 1] em parceria com os Ministérios da Educação, da Cultura e da Ciência e em colaboração com as Agências do Patrimônio Histórico e Cultural desses seis países.

A conclusão e consequente definitiva interpretação para estas descobertas dependerá exclusivamente de maior investigação, do cruzamento das informações e dos diversos estudos científicos que os subsídios aqui apresentados, para o estudo dos artefatos contemplados do projeto B.C. Byte irão suscitar. Qualquer conhecimento só completa sua função quando é devolvido à comunidade e esta se torna conhecedora e participante da história recuperada.

O Projeto

Em 1993, um conjunto de peças arqueológicas do acervo de um colecionador particular sul coreano foi exposto em sua residência na Grécia. Esta aparição inusitada instigou dois especialistas pelo fato de não haver conhecimento de tais objetos no meio acadêmico. Os renomados arqueólogos Angelus Tzermyzas e Pavlos Vuaiatzys (Universidades de Aglaura e Atenas, respectivamente), solicitaram ao colecionador (quem não deseja ser nomeado) informações sobre a origem das peças e pediram permissão para avaliação detalhada delas por meio de estudos mais aprofundados, utilizando as informações e os recursos técnicos disponíveis na atualidade.

Esses objetos, colocados em comparação a outros semelhantes, pertencentes a diversos acervos institucionais, além das hipóteses preliminares divulgadas no início de 1995, provocaram grande repercussão no meio acadêmico. Este foi o fator decisivo para a elaboração de um programa com o intuito de prosseguimento às pesquisas. As onze peças em questão permanecem em comodato no Museu Alace de Arqueologia da Universidade de Aglaura.

Inês Raphaelian, Pavlos Vuaiatzys e sua assistente, recebidos pelo colecionador sul coreano

Inês Raphaelian e Angelus Tzermyzas
no Museu Alace de Arqueologia da Universidade de Aglaura

Exposição das peças do colecionador sul coreano

Exposição das peças do colecionador sul coreano

Exposição das peças do colecionador comentadas por Inês Raphaelian

(...) uma abordagem integrada entre pré-História e História promoverá um uso mais sofisticado dos documentos históricos. Antes de ver os documentos históricos como análogos na reconstrução do passado, eles podem ser usados como revelações de comparação com a época em que foram produzidos e como recursos adicionais para comparação com a interpretação arqueológica. Uma abordagem integrada entre pré-história e história irá também encorajar o desenvolvimento de métodos mais refinados para medir mudanças culturais" (LIGHTFOOT, 1995).

Na perspectiva desta abordagem, teve início o programa B.C. Byte. Dados e artefatos podem ser vistos como indicativos das relações sociais que foram produzidas, uma vez que atuam como mediadores das atividades humanas, determinando tipos e comportamentos de uma sociedade. Para este estudo é fundamental entender que, a partir da reintegração dos artefatos a um contexto cultural e em um invólucro de relação de poder, o artefato adquire importância crucial. O arqueólogo deve inserir tais objetos no interior das relações sociais em que foram produzidos para obter deles novas funções de mediações.

Dentro da cultura, como desenvolvimento e criação humana, o objeto transforma-se em artefato, recebendo uma formulação junto à humanidade. As formas de pesquisa na Arqueologia indicam um complexo de técnicas utilizadas (formulações não neutras) inseridas em um complexo de questões metodológicas derivadas das políticas adotadas pelo arqueólogo. Recentemente, vem ocorrendo uma grande reviravolta nessas pesquisas: busca-se agora maior aproximação a uma interpretação destes artefatos em seu contexto histórico e social, à luz de uma maior neutralidade ideológica.

Esse foi o foco adotado no 'Projeto B. C. Byte', que tem como objetivo oferecer base científica de investigação sistematizada sobre o significado e uso destes artefatos com características pe-

culiaries e iconografias que se relacionam com achados em diferentes momentos nos seis sítios arqueológicos dos países apoiadores do projeto: Egito, Canadá, Armênia, Portugal e Brasil.

Com base no estudo destes sítios arqueológicos aqui apresentados, numa perspectiva simbólica e espacial, e tendo em conta os dados disponíveis de natureza histórica, são reavaliados os objetos/artefatos em questão. A deficiente contextualização arqueológica dos artefatos em termos de vestígios de habitat, quase sempre muito discretos e exigindo metodologias específicas, foi ultrapassada por um extenso programa de análises bioquímicas, cujos resultados permitiram, por um lado, um conhecimento aprofundado da cronologia e, por outro, estabelecer relações de ordem espacial, que são uma das bases essenciais deste trabalho.

As relações entre os artefatos e seu contexto histórico revelaram-se, apesar do caráter truncado dos elementos, particularmente coerentes. A constatação de que alguns objetos em estudo apresentam formas distintas com iconografias de aparência aproximada, para além de sugerir paralelos entre eles, remete para o universo simbólico das analogias entre estes e os primeiros artefatos no contexto da adoção do modo de vida.

A associação reiterada entre os artefatos e os dados históricos de povoamento dos sítios e a presença de grandes relações iconográficas foram, neste aspecto, duas das observações mais fecundas. A própria avaliação comparativa, no seu conjunto, permitiu definir significados simbólicos relativamente coesos, tipificar iconografias e observar presenças e ausências entre elas. Como principal objetivo o estabelecimento de semelhanças e diferenças, permitiu identificar fortes evidências de contatos culturais, omissos, de um modo geral, na comparação com outros estudos.

A Publicação

A divisão em oito volumes, ditada por aspectos práticos relacionados com a dimensão do trabalho, materializa as duas fases fundamentais por que passou a investigação. A primeira corresponde à pesquisa e análise de dados em diversas fontes e arquivos. A segunda apresenta a informação reunida sobre os artefatos e sobre os respectivos contextos arqueológicos, objetivando uma interpretação contextualizada e transversal, que serviu de base à construção do programa. A investigação partiu de uma recolha e organização dos dados disponíveis para o trabalho de campo das expedições (prospecção e escavação) que, como se esperava, foi alterando a imagem inicial, suscitando novas descobertas, análises e interpretações.

Neste primeiro volume, será abordado, ainda que de forma breve, o enquadramento histórico relativo à evolução do programa, contendo a apresentação dos seis sítios arqueológicos de referência, o conteúdo presente na coleção e as estampas dos artefatos documentados e abordados nesta investigação em estudo na forma de pranchas individuais. O volume também incorpora, como anexos, elementos gráficos complementares, nomeadamente os mapas temáticos em que foram cartografados aspectos relacionados com os sítios e com os respectivos contextos arqueológicos ou paisagísticos e as fotografias de registro da arqueologia de campo, do processo de identificação e análise.

Considerando as imagens presentes nesta publicação, fruto de pesquisa e recolha em diversos arquivos e fontes, resgatadas dos meios disponíveis no momento e condições as quais foram concebidas, suas características originais estão preservadas.

Nos volumes seguintes (II a VII), cada sítio é estudado nos aspectos gerais fundamentados com a história da investigação sobre o tema equacionando-se as problemáticas, definindo o tempo e o espaço, esclarecendo-se os paradigmas e metodologias para a definição dos aspectos tidos como mais pertinentes. Analisam-se, em seguida, as diversas formas de associação espacial dos sítios em relação aos aspectos mais relevantes e estáveis, em que se destaca a Geologia e a Topografia. Na sequência apresentam-se e avaliam-se os dados de natureza cronológica disponíveis. Com base nestes dados, apresentam-se e analisam-se os dados obtidos nas escavações dos seis sítios que constituem um ponto prévio de forma independente: caracterização e análise dos artefatos no que diz respeito à matéria-prima, forma, dimensões e iconografia.

Ao final, apresentam-se e relacionam-se com os dados históricos e outros estudos da discussão dos significados e funções dos artefatos, no contexto e das implicações da leitura proposta nos modelos de interpretação estabelecidos. Ao final, procura traçar, em linhas gerais, as principais conclusões e perspectivas de investigação futura. O levantamento das referências bibliográficas disponíveis encerra cada volume.

Os índices remissivos e o glossário encontram-se no Volume oitavo, dedicado à catalogação de toda documentação museológica e processual gerada com o Projeto B.C. Byte.

A base teórica

Os estudos da arqueologia dos anos finais do século XX viram surgir tentativas de síntese ou de conciliação que implicam, quer o reconhecimento dos pontos fracos e dos becos sem saída de alguns paradigmas, quer o que cada um deles gerou, quer as propostas mais fecundas de Bradley, Kohl, Bell, Zubrow, Renfrew e Hodder. Procurou-se, neste trabalho, conjugar as diversas propostas teóricas que, nas últimas décadas, configuram o pensamento arqueológico contemporâneo. Deixando de lado os casos mais radicais de cada corrente, podemos hoje, reconhecer em todas elas contributos críticos positivos e avanços metodológicos que enriquecem cumulativa ou alternativamente a investigação arqueológica (GALLAY, 1986).

Em alguns casos específicos, as interpretações foram fundamentadas em paralelo aos estudos etno-arqueológicos que tangem o universo simbólico dos artefatos. Em uma perspectiva integralmente arqueológica, o tema de estudo, por ser tão transversal no tempo e no espaço, se presta a exercícios desse tipo para tratá-lo num contexto cultural concreto. Assim, adota-se uma valorização do trabalho de campo, da recolha e análise dos dados, pois não basta, efetivamente, acumular evidências e estas raramente falam por si. Em uma abordagem mais histórica e tendo como base os fundamentos da nova Arqueologia que este trabalho se tece, as cronologias, por muito instáveis que ainda sejam, são, a par das especificidades geográficas, as referências fundamentais em que se procura dar sentido aos artefatos que, não constituindo um fim em si mesmos, são, por definição, uma das matérias-primas arqueológicas.

A metodologia

Algumas opções metodológicas da nova Arqueologia e os seus contributos emergem de forma estruturante. As hipóteses levantadas e que aqui se defende partem de um modelo construído indutivamente e resultaram em hipóteses testadas por novas investigações. Nesse percurso, foram surgindo outras versões, alternativas e resultados das novas evidências avaliadas e do caráter do método hipotético-dedutivo. Esse método não recusa interpretações aparentemente menos escoradas, na expectativa de reavaliações e reformulações inevitáveis. A Arqueologia e a História têm, em suma, como destino, oscilar entre a Arte e a Ciência, num processo em que a intuição e o teste, a razão e a emoção não são antinomias exclusivas. Trata-se do fenómeno humano como objeto e como sujeito.

Os artefatos impõem, pela sua própria natureza, a formulação de questões de ordem simbólica e ideológica. Nem por isso estarão ausentes deste trabalho algumas reflexões sobre os contextos económicos e tecnológicos que lhes subjazem. Sem partilhar as perspectivas funcionalistas que fizeram furor nos anos 1960-70, o trabalho procura integrar, na medida do possível, o fenómeno e as sociedades que lhe deram origem nas circunstâncias ecológicas e demográficas concretas que, mesmo que não tenham sido sempre as causas da mudança, são certamente elementos a ponderar.

A perspectiva da relação dos artefatos com as culturas a que pertencem é certamente uma das mais fecundas: são elementos iconográficos que, partindo de uma determinada percepção acrescentaram significados e condicionaram a leitura de sua resignificação simbólica. As questões mais complexas colocam-se, naturalmente, com os recintos funerários. Numa escala crescen-

te, importa interpretar a escolha da própria região, atendendo à concentração peculiar de recintos e a escolha dos locais, no âmbito da paisagem local e em seguida, a implantação, a forma e a iconografia dos elementos que compreendem o contexto dos objetos de devoção. À uma análise desse tipo, como qualquer outra de caráter interpretativo, colocam-se também os problemas da ordem de cronologia. Desde logo, e apesar de partilharem em maior ou menor grau, um certo número de características comuns, os artefatos não foram, com certeza, construídos ao mesmo tempo; por outro lado, monumentos funerários e povoados implicam, por definição, sincronias e diacronias em relação aos recintos que, na exata medida em que os dados o vão permitindo, tendem a revelar-se mais complexos. As cronologias são, dentro dos limites ainda estreitos deste trabalho, estabelecidas a partir do maior número de cruzamento possível de dados e indício, por associações espaciais e datações radiocarbônicas. Devido ao caráter localizado dos monumentos, cujas especificidades apelam para explicações muito contextualizadas, poderia afirmar-se que, para além dos artefatos, é a própria iconografia, numa perspectiva simbólica, que constitui o tema deste trabalho.

A natureza eminentemente simbólica dos artefatos obriga a uma leitura também simbólica das culturas que eles requalificaram. Difícil, se não impossível, será desvendar, na visão do mundo destes artesãos, os diferentes níveis de relação entre as culturas destes povoados. Os artefatos representam um novo capítulo na História da Arte. Efetivamente, é no domínio do comportamento simbólico e cognitivo que se colocam as questões mais pertinentes e os artefatos, de um certo modo, são indissociáveis de um estudo contextual da arte pré-histórica. Os números e gráficos, sobretudo quando eles não fazem mais do que dar roupagem científica àquilo que, por outros meios, já sabíamos ou acreditávamos (DJINDJAIN, 1991), não constituem

a base de dados mais relevante da investigação. Mesmo assim, são apresentadas as mais significativas quantificações dos dados e das análises efetuadas, em anexo aos volumes.

Os trabalhos de campo

Uma base de dados que não abole o acaso (DELIVRÉ, 1974), constitui o trabalho de reunir a informação disponível no âmbito da área de estudo definida como referência, na perspectiva da história da investigação, às principais fontes utilizadas.

Os dados novos, que são o contributo mais sólido num exercício desta natureza, resultaram principalmente de um programa extensivo de prospecções arqueológicas de ordem territorial. Por consequência se beneficiam fundamentalmente da consistência dos dados proporcionados pelas expedições realizadas.

Apesar das óbvias limitações que afetam a informação arqueológica de natureza exclusivamente superficial, nomeadamente a falta de estratigrafias, de cronologias absolutas e de dados diretos, a prospecção é o único método que permite ultrapassar o estudo casuístico dos sítios arqueológicos. Desta forma, eles deixam de ser vistos como ilhas e adquirem significados distintos, conforme os contextos em que se inserem (CALADO, 2006). Assim como os artefatos que, podendo ser estudados isoladamente, ganham novos sentidos se integrados em contextos amplificados. Por outras palavras, os sítios ganham sentido em virtude das suas relações com aspectos físicos da paisagem social pré-existente. Como sabemos, o caráter parcelar da informação é extensivo a todas as áreas da investigação arqueológica. Os modelos e as interpretações que podemos e devemos produzir baseiam-se, em maior parte, em informação muito truncada.

Encontramos na literatura arqueológica esse reconhecimento: a prospecção, a escavação, e o estudo de artefatos são, entre outras, áreas fundamentais da investigação arqueológica cujas diferenças exigem metodologias próprias e que correspondem a escalas de análise distintas e complementares. Cada uma por si, produzem resultados específicos, aptos a responderem a questões de diversas ordens.

No âmbito deste trabalho, procura-se valorizar a contextualização histórica dos artefatos aliada à prospecção. Muitas das prospecções efetuadas, sobretudo a partir de 1993, inseriram-se em projetos setoriais, de alcance diacrônico, nomeadamente a elaboração de Cartas Arqueológicas locais, Inventários Arqueológicos inseridos nos Planos Diretores Municipais ou simples levantamentos arqueológicos de propriedades privadas. Enquanto outras prospecções enquadraram-se num projeto de investigação académica, todos estes incompletos no que tange à interpretação da iconografia dos artefatos, as novas prospecções efetuadas a partir de 1996 foram fundamentais no contexto do projeto B.C. Byte e orientadas para o preenchimento de lacunas de prospecção antecedentes, em áreas que, por diversas razões, não tinham ainda sido contempladas. Nestes estudos avaliados, tratou-se de prospecções seletivas, cujos resultados podem constituir uma amostragem do potencial efetivo das áreas de estudo. Embora, na maioria desses, tivessem sido usadas sistematicamente as técnicas clássicas de prospecção “de gabinete”, nomeadamente a análise cartográfica (toponímica, topográfica, geológica e mineira, pedológica etc.) e aerofotográfica e a recolha de informação, a grande maioria dos sítios foi identificada com base na observação direta e programada do contexto. Em um balanço global, verifica-se que o único tema em que as prospecções não alteraram significativamente a informação de partida foram aquelas relativas às sepulturas funerárias. O universo funerário conectável mais ou menos diretamente com os artefatos locais foi consideravelmente acrescentado, em particular no que diz respeito às sepulturas comuns, que por serem

mais discretas e frágeis, escaparam mais frequentemente aos inventários clássicos que tiveram como objeto os grandes templos funerários de algumas das regiões em questão.

A complexa relação dos artefatos aguarda o estudo detalhado e respectiva conclusão final. No entanto, a estratégia adotada produziu frutos mais abundantes e diversificados. De uma base de dados irrisória, há 20 anos, passou para uma densidade notável de novidades e pela concordância com as principais iconografias gerais.

A natureza dos dados obtidos em expedições anteriores acarretou várias limitações de difícil ultrapassagem. Os problemas tafonômicos que afetaram algumas regiões, as estratigrafias e os respectivos conteúdos incompletos foram responsáveis pelo insucesso na obtenção de dados diretos ou de cronologias absolutas, dados estes que apenas as escavações arqueológicas modernas podem obter.

Desde o início deste projeto, enfatizaram-se as muitas questões que a prospecção deixa inevitavelmente por resolver e a adoção do amplo estudo integrado a que se propõem. Cada sítio arqueológico indicou características específicas de abordagem cujas metodologias diretas serão apresentadas nos volumes referentes à cada uma das expedições contempladas pelo projeto.

A classificação de um determinado sítio como sendo de habitat depende, fundamentalmente, da presença de cerâmica. A dúvida mais pertinente, de entre o universo em análise, diz sobretudo respeito aos sítios sem cerâmica, em que ocorrem artefatos supostamente de uso habitacional. Esta situação verificou-se repetidamente na área de Itaparica, onde existem indícios de que a conservação das cerâmicas é problemática. A possibilidade de alguns sítios com cerâmica representarem os

restos visíveis de estruturas funerárias, não pode em última análise ser descartada, embora, por diversas razões, tal não se aplique à maioria dos casos em apreço. A classificação de um sítio como monumento funerário implicou a existência de estruturas pétreas ou tumulares e, em raros exemplares, apenas com base na bibliografia ou na informação oral onde lacunas certamente existem. De fato, não estão excluídas do universo funerário registrado as modalidades sem monumentalidade aparente, que corresponderiam às práticas funerárias das mais antigas sociedades neolíticas tanto da região de Marajó como de Itaparica. É possível que alguns dos vestígios que habitualmente interpretamos como habitacionais, correspondam a instalações de natureza ritual, mesmo que não funerária. Porém, com os dados disponíveis, apenas os monumentos podem, pacificamente, inscrever-se nesta categoria. Exclui-se deste caso o sítio arqueológico de Banff, onde os artefatos não fazem parte deste contexto funerário ou ritual, sendo os objetos fósseis petrificados e de eras anteriores.

As prospecções sistemáticas permitiram acrescentar novos recintos pré-históricos e um bom número de artefatos isolados ou agrupados em conjuntos, dos quais, em parte, já foram mais ou menos circunstanciados e enquadráveis no Paleolítico (Banff, Canadá) e no Neolítico Central no sítio relacionado à expedição de Montemor-o-Novo, em Portugal. Embora sem relevância direta para o tema em estudo, destacaria ainda os efeitos colaterais traduzidos na abertura de “dossiers” em matérias sobre as quais se registravam vazios que eram totalmente ignorados, como foi o caso dos chamados recintos arqueológicos de Itaparica. Foram, igualmente, acrescentadas e sistematizadas às listagens referentes as placas de xisto do Alentejo Central, em Portugal.

No contexto deste trabalho, focado prioritariamente nas mais antigas sociedades das regiões expedicionadas, também não foi possível avaliar as questões relacionadas com a perenidade dos sítios de habitat. É provável que, entre os sítios registrados, exista uma ampla variedade de situações, desde os mais efêmeros, pelas mais diversas razões, até aos mais duradouros. À primeira vista, um critério aceitável para ultrapassar tal indefinição poderia ser o da quantidade de materiais recolhidos e da dimensão da área de dispersão dos mesmos. No entanto, a experiência ensina-nos que a escassez de evidências superficiais esconde, muitas vezes drasticamente, as realidades enterradas.

A base de dados, registro e apresentação dos dados gerais

Uma parte dos campos que constituem a estrutura da Base de Dados não justifica a definição de critérios de preenchimento, por se tratar de aspectos unívocos, ou documental (Fotos, Data das Fotos, Nº de Processo). Quanto aos campos de cariz arqueológico, em particular o Tipo e a Época, foi necessário fazer opções e definir critérios; de uma maneira geral, optou-se por classificações tão específicas quanto possível, embora, nos casos em que as evidências disponíveis não o permitiram, se tenha optado por classificações de carácter genérico. A obtenção de novos dados sobre os registros existentes ou a obtenção de novos registros podem, evidentemente, acrescentar as listagens das categorias consideradas.

Nos cinco sítios que, no contexto deste projeto, foram objeto de escavações e sondagens, é apresentada documentação gráfica complementar, em anexo. Os dados provenientes das prospecções e das recolhas bibliográficas foram registrados numa

base de dados informatizada, em que se consideraram os campos a seguir.

Número de inventário: atribuído sequencialmente, primeiro aos conjuntos de artefatos e, em seguida, aos recintos arqueológicos isolados.

Designação: por norma geral, foi utilizado o topônimo cartográfico mais próximo (na folha da CMP 1: 25000), exceto nos sítios recolhidos da bibliografia, em que se manteve, na medida do possível, a designação usada na fonte mais antiga. Sempre que existem vários sítios referidos pelo mesmo topônimo, foram individualizados pela adição de números sequenciais. Para evitar duplicações e lacunas, foram alterados os números sequenciais de alguns sítios publicados, para que dentro de cada folha da CMP, não existam sítios com designações idênticas.

Tipo: com base nos critérios da classificação dos dados de superfície, observando-se a informação reunida e integrada em categorias.

Achado avulso: atribuída esta classificação aos sítios cujas evidências se resumem a um ou alguns artefatos dispersos e mal contextualizáveis; evidências de tipo *off-site*, que traduzem atividades pontuais relacionadas com habitats em áreas mais ou menos próximas, reveladoras das áreas de captação de recursos e das linhas de circulação nos territórios. Correspondem à ponta de “icebergs”, que se revelam como verdadeiros sítios de habitat ou, em outro caso, a materiais provenientes de estruturas funerárias destruídas. A informação que os achados avulsos proporcionam é, em função da natureza dos mesmos, muito problemática. No entanto, permitem avaliar, em conjunção com a informação restante disponível, aspectos gerais relativos à distribuição do povoamento no tempo e no espaço.

Materiais: este campo refere-se, por norma, apenas aos achados avulsos. Foram discriminados os principais elementos de diagnóstico cronológico e cultural e o estudo quantitativo dos dados de superfície dos sítios escavados. É apresentada uma listagem dos materiais exumados e, em anexo, os desenhos de alguns dos mais significativos, provenientes de recolhas de superfície dos sítios mencionados no projeto, individualmente, em cada volume ao qual se refere.

Cronologia: apresentada com base nos critérios correntes na atribuição cronológica dos dados de superfície, basicamente presenças e ausências de determinados tipos de artefatos. A informação reunida foi integrada em categorias mais ou menos abertas, conforme a qualidade/quantidade da informação disponível.

Base cartográfica: indicada com os dados publicados ou registrados. Nos casos em que estes foram recolhidos da bibliografia, e cartografados pelos métodos tradicionais, o rigor cartográfico varia em função da escala da base cartográfica utilizada. Os erros de localização serão mais acentuados nas situações em que foi utilizada cartografia de pequena escala 1: 100000 ou 1: 50000, registradas nas várias Cartas Geológicas históricas de referência. Nos sítios que ocupam áreas mais extensas, as coordenadas referem-se a um ponto central. Em parte dos dados de sítios relocados, as coordenadas foram obtidos por GPS (Garmin, GPS III Plus) e os dados foram cartografados e publicados com as coordenadas obtidas nesse tipo de base cartográfica, que correspondem à generalidade dos trabalhos mais recentes. Dentre as coordenadas apresentadas é possível distinguir arredondamentos diferentes. Nos dados inéditos apresentados neste trabalho localizados com GPS o arredondamento é de 20 m.

Mapas: em termos cartográficos, para além dos mapas de enquadramento geográfico apresentados, são reunidos, em anexo, os mapas temáticos, de carácter analítico, e mapas temáticos em áreas ampliadas. Os mapas foram construídos com base cartográfica nas fontes originais.

O registo e apresentação dos dados relativos aos artefatos

Dada a especificidade deste trabalho, foi dado um tratamento especial aos artefatos, em termos de ficha descritiva. Para além dos campos atrás enunciados, em que foram seguidos preceitos idênticos aos da base de dados geral, foram ainda preenchidos os seguintes:

Dimensões: as dimensões consideradas foram basicamente aquelas que, por convenção tácita, têm sido utilizadas pela maioria dos autores, nomeadamente - C1: Comprimento em milímetros; C2: Comprimento total (no caso dos artefatos fraturados); L: Largura; E: Espessura, medida por um plano perpendicular à Largura - estimados em milímetros e P: Peso medido em gramas.

Iconografias: cada ficha foi acompanhada por uma ou mais imagens fotográficas do artefato: imagem frontal, do verso e seção transversal e os respectivos desenhos arqueológicos. Nos casos em que já existiam desenhos publicados, estes foram adaptados graficamente e foi-lhes acrescentados detalhes, quando careciam, com base na observação direta.

Contexto Arqueológico: Foram referidas as realidades arqueológicas consideradas mais pertinentes para o enquadramento arqueológico da localização geográfica onde foram exumados os artefatos.

Contexto Paisagístico: foram considerados aspectos como a exposição do terreno em que o sítio se localiza ou o respectivo enquadramento geológico e, eventualmente, outras características da paisagem consideradas relevantes, nomeadamente as de carácter topográfico ou hidrográfico.

A plataforma ARCHIRBC017

Os trabalhos de armazenamento, tratamento e divulgação da informação arqueológica vêm se beneficiando, há já algum tempo, das vantagens dos suportes informáticos, nomeadamente dos Sistemas de Informação Geográfica e das Bases de Dados Relacionais. No entanto, na grande maioria dos casos, o tratamento informático dos resultados obtidos nas diferentes etapas do processo de investigação arqueológica, aparece abordado de forma quase sempre isolada. Existem sistemas informáticos para o tratamento dos dados obtidos nos trabalhos de prospecção, de escavação ou mesmo para o estudo dos materiais arqueológicos. No entanto, todos são geridos de forma independente. Esta situação impede uma visão de conjunto dos dados obtidos nas diferentes etapas do processo arqueológico e dificulta o intercâmbio direto entre os distintos procedimentos e conhecimentos.

ARCHIRBC017 é uma plataforma digital composta por diferentes portais. É um sistema de informação arqueológica interligada com o fichário informatizado dos sítios, das escavações e do conjunto da documentação arqueológica. O levantamento das diferentes etapas do processo de investigação arqueológica e do tratamento informático a que estas podem ser sujeitas, bem como das ferramentas informáticas disponíveis, permitiu estabelecer dois objetivos principais para esta nova plataforma. Por

um lado, pretende-se ensaiar um sistema de informação que permita integrar todo o processo de investigação arqueológica. Por outro, visa adiantar sugestões e apontar soluções para a recolha da informação no campo, de forma normalizada, prática e eficaz.

O desenvolvimento dessa plataforma consistiu na conceitualização de um sistema de informação arqueológica centralizado numa base de dados convergente, fixa, a partir da qual serão alimentadas bases de dados móveis. Às bases de dados móveis será fornecida informação parcial, disponibilizada pela base de dados central, informação essa considerada essencial para a realização das tarefas de campo. Do mesmo modo, será a partir da informação recolhida no campo, armazenada nas bases de dados móveis, que numa fase posterior se alimentará a base de dados central. Este sistema suporta o registro, o armazenamento e a exploração da informação arqueológica e garante a sua correta ligação à cartografia, para facilitar a posterior interpretação e publicação dos resultados.

Paralelamente ao desenvolvimento de um sistema informático que sirva à investigação arqueológica, analisou-se de forma detalhada a informação que deve constar nos formulários para preenchimento no campo, quer durante a prospeção, quer na fase de escavação, pelo que propomos um conjunto de fichas/formulários normalizados, em suporte de papel e digital. Por meio do ARCHIRBC017, o projeto irá supervisionar a publicação dos resultados das pesquisas, controlar os depósitos das escavações e coordenar as atividades nos seis sítios arqueológicos que o programa abrange.

Apresentação das Expedições contempladas no Programa B.C. Byte.

Expedição Egito 1993

Angelus Tzermyzas

As técnicas da arqueologia como o desenterramento e a escavação estratificada evoluíram ao longo do tempo dividindo-se em três importantes fases. A primeira é a preocupação com a superposição de níveis de ocupação e com datação relativa aos artefatos. A segunda trata do estudo e registro dos estratos. A terceira, com a escavação de amplas superfícies, está preocupada com o estudo do funcionamento da sociedade que ali viveu.

Os primeiros artefatos arqueológicos que fazem parte deste estudo comparativo foram encontrados em meados do século XIX, durante os trabalhos de escavação do maior templo no Egito, que esteve submerso nas areias há mais de mil anos – Karnak. Nos trabalhos de escavações nenhum pormenor era descurado. Trabalharam nas escavações no templo cerca de 80 mil pessoas.

Nesse momento histórico, a Arqueologia não existia como uma disciplina ou com as preocupações éticas pela qual é regida atualmente. Muitos dos artefatos recolhidos em expedições do passado perderam-se de seu contexto e partiram de sua origem, como é relatado em um caderno de autor desconhecido encontrado no departamento de documentação do museu do Cairo.

Caderno de anotações de campo de autor desconhecido de 1922

A seguir, imagens do arquivo do museu do Cairo referentes à escavação no Vale Deir el Bahri, complexo de Karnak, em 1928.

Complexo de Karnak em 1914
Acervo da Biblioteca da Universidade de Cornell

Considera-se que a construção do Templo de Karnak foi iniciada por volta de 2200 a.C. e finalizada por volta de 360 a.C.. Reconhecido como o principal local de culto aos deuses de Tebas, entre os quais Amon, Mut e Khonsu, atingiu o seu apogeu durante a XVIII dinastia, após a eleição de Tebas para capital do Egito. O nome Karnak designa o templo principal destinado ao Deus Amon-Rá (a principal divindade da Triade de Tebas) como também tudo o que permanece do enorme complexo de santuários e outros edifícios, resultado de mais de dois mil anos de construções e acréscimos.

Este complexo abrange uma área de 1,5 x 0,8 Km onde existiam avenidas que faziam a ligação entre o Templo de Karnak, o Templo de Mut (esposa de Amon) e o Templo de Luxor. O complexo de Karnak, junto com as ruínas do templo de Luxor

e a necrópole de Tebas, foi declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco em 1979. O maior dos recintos do complexo do templo é dedicado a Amon-Rá, onde há várias estátuas colossais. Os blocos de arenito para este templo, incluindo todas as colunas, foram transportados de Gebel Silsila, situado a 161 quilômetros ao sul do rio Nilo.

As escavações e pesquisas continuam desde a descoberta do Complexo de Karnak até os dias de hoje. Uma expedição arqueológica descobriu, em julho de 1993, um muro - blocos de pedra com inscrições e um portal no complexo sul de Karnak, em Luxor. Segundo comunicado do Ministério de Estado para as Antiguidades do País, as descobertas revelam a existência de uma parede que cercava o templo do deus Ptah, ao qual os egípcios relacionavam à criação artística, às artes e à fertilidade.

Estela funerária supostamente do reinado de Tutmosis III
Département des Antiquités Égyptiennes
Musée du Louvre, Paris, França.

Durante as escavações que culminaram com a descoberta do muro, encontrou-se uma estela funerária supostamente do reinado de Tutmosis III (1490-1436 a.C.). Com a divulgação da descoberta pelo *Département des Antiquités Égyptiennes* do Museu do Louvre, um grupo de arqueólogos que trabalharam nas escavações anteriores no templo de Mut retomaram o contato com as autoridades locais, pois os achados da escavação ocorrida em 1993 permaneciam, em parte, arquivados na Coleção do Museu do Cairo e onze delas em posse de um colecionador particular, na Coréia do Sul, sem o devido estudo.

As iconografias contidas na estela funerária encontrada assemelham-se, de diversas formas, às iconografias da série de placas exumadas, e quase esquecidas, nas expedições do início do século XX. A necessidade de um reexame destes artefatos, com a adoção de métodos comparativos por meio de novos recursos disponíveis e base de dados contextualizados, deflagrou a implantação do Programa B.C. Byte.

A pesquisa em fontes diversas para reunir dados, imagens, documentos e relatos de campo para o resgate dos artefatos, dispersos em diferentes acervos, deu início à investigação e ao estudo pormenorizado, levando-se em conta o novo olhar aos documentos do Departamento de Arqueologia da Universidade do Cairo e o confronto de documentação complementar levantada pelo programa.

O emérito arqueólogo Pavlos Vuaiatzys colaborou efetivamente para a análise e reavaliação dos achados da Expedição Egito no Templo de Mut, do Complexo de Karnak, realizada em 1993. Estes estudos e análises, em sua íntegra, são apresentados no segundo volume da presente coleção.

Placa encontrada nas escavações no Templo de Mut em 1993
Coleção Museu do Cairo, Egito

Achados durante as escavações no Templo de Mut em 1993

Conteúdo do volume II

Reavaliação dos achados
da Expedição do Egito 1993
Templo de Mut, Complexo de Karnak

Angelus Tzermyzas

1. Introdução
  - 1.1. Objetivo do estudo.
  - 1.2. Descrição do projeto.
2. Configuração do ambiente.
  - 2.1. Local geológico e Estratigrafia.
  - 2.2. Configuração pré-histórica.
3. Preservação Arqueológica e Histórica.
  - 3.1. Preservação Histórica Nacional.
  - 3.2. Sítios Históricos.
    - 3.2.1. Levantamento das escavações históricas.
    - 3.2.2. Levantamento de registros dos achados.
      - 3.2.2.1. Contexto Histórico.
      - 3.2.2.2. Culturas pré-históricas.
4. Revisão da Literatura e Pesquisas de registros.
  - 4.1. Fontes consultadas.
  - 4.2. Registros de busca.
  - 4.3. Revisão iconográfica do histórico da era.
    - 4.3.1. Fotografias aéreas e Mapas.
5. Resultados de identificação.
  - 5.1. Métodos e resultados da pesquisa.
    - 5.1.1. Efeitos do estudo.
  - 5.2. Estudo comparativo de iconologia.
  - 5.3. Observações.
6. Conclusão.
7. Bibliografia.

Expedição Banff 1996

John Tupler

A Expedição de 1996 na cidade de Banff ocorreu em consequência de um achado ocasional por um grupo de turistas durante um passeio ao *Lake Louise*. Fósseis, achados comuns nesta região, com características distintas daqueles coletados anteriormente, foram encontrados nas trilhas que levam ao alto da montanha frontal ao lago.

Fósseis encontrados pelos turistas no *Lake Louise*

O lago Louise pertence ao Parque Nacional de Banff, situado a sudoeste da cidade de Alberta e a 135 km a oeste da capital Calgary. A geografia desta área é conhecida por sua cadeia de montanhas rochosas, as *Rocky Mountains*, consequências de movimentos sísmicos que deixaram à mostra um grande número de fósseis e uma grande quantidade de âmbar, onde são encontrados alguns animais encapsulados datados de 40 ou 50 milhões de anos.

Âmbares encontrados no Parque Nacional de Banff

Até o final dos anos 1950, ainda existiam na cidade de Banff, diversas lojas que vendiam livremente estes fósseis pré-históricos como objetos de decoração ou joias. O estudo oficial de Arqueologia em Alberta começou no início de 1950 com a decisão da Fundação Glenbow de estabelecer um Departamento de Arqueologia especificamente para realizar pesquisas sobre bens negligenciados por instituições federais ou estaduais. Dick Forbis foi contratado e foi o pioneiro dos estudos arqueológicos de Alberta. Ele estabeleceu o Departamento de Arqueologia da Universidade de Alberta, com Scotty MacNeish, em 1964, local que ofereceu o suporte técnico para a equipe internacional da expedição de 1996.

A equipe, coordenada por Andrea Volenzak, Andrés Valverde, Edgar Clemente, Inês Raphaelian, Jean Adams, John Tupler, Patrícia Martinez e Sara Emerald, foi formada por especialistas de cada setor, nas áreas pertinentes ao estudo dos objetos en-

contrados. O grupo foi contratado para realizar a reavaliação arqueológica do sítio, que inclui uma parcela de terra medindo aproximadamente 3180m², localizado no entorno do *Lake Luise* - Referência (BLL) 532.530 165120. A análise com base em cartas geológicas e pesquisa de campo, levou a evidência de alta resolução de preservação arqueológica na área e apresentou um modelo de identificação de locais específicos. Os depósitos culturais são comparáveis aos encontrados em outros sítios nesta parcela de área demarcada ao longo das *Rock Mountains*.

Departamento de Arqueologia da Universidade de Alberta em 1964.

O sítio encontra-se dentro de uma 'zona prioritária de Arqueologia', como definida pela autoridade local. O sítio foi considerado como tendo o potencial para incluir enterros do período Paleolítico, alguns dos quais foram registrados em escavações arqueológicas mais recentes. O período Paleolítico está representado por traços, bem como artefatos residuais encontrados no perímetro. Artefatos, recursos ou depósitos de importância

arqueológica foram registrados a partir de avaliação, que constatou que datavam desse período. A presença de uma camada superior do solo coberto por cascalho natural (encontrado na trincheira 5) sugere que o perfil do solo original da parte do sítio foi truncado, provavelmente para a construção do *Banff Springs Hotel* em 1888.

As *Rocky Mountains* com a vista do *Banff Springs Hotel* em 1929

Os resultados desta análise revelam a presença de populações pré-históricas e mudanças e desenvolvimento da tecnologia local ao longo do tempo. O depósito está localizado a 100 km ao sudoeste de Calgary. O sítio EBPI-4 é conhecido como *Mosquito Creek* e está associado ao lago Louise. Processos lacustres como fatores geomórficos sugerem que grande parte desta área tem experimentado o tipo de deposição necessário para preservar sítios arqueológicos e episódios repetidos de ocupação humana profundamente estratificados.

Achados recolhidos durante a etapa de identificação e classificação

Estudos de caráter comparativo objetivando a análise dos elementos preservados nos fragmentos, a cargo do Departamento de Arqueologia da Universidade de Alberta, apresentam dados inéditos em relação à formação da fauna e flora pré-histórica da região, motivo da transferência de parte dos fragmentos catalogados para o acervo do *Walter Philips Museum of Natural History*, em Banff.

Achados nas escavações no sítio EBPI-4

Exposição de parte dos achados

Walter Philips Museum of Natural History, Banff, 1996

As escavações de 1996 recuperaram uma complexa série de fragmentos fósseis. Uma vez que este foi considerado um único componente associado com as escavações anteriores em áreas descobertas, os artefatos e objetos de naturezas diversas exumados, foram colocados sob custódia do departamento e à espera de uma definição de estratégia para sua inclusão no programa.

Nas amostras AMS à partir de ferramentas de diagnóstico foram detectados resíduos de carvão vegetal em fragmentos. As características do sítio e sua estratigrafia, o conjunto de fragmentos fósseis e os resultados das idades de radiocarbono obtidos foram descritos no Volume III.

Conteúdo volume III

Expedição Banff 1996, Alberta, Canadá
Relatório da Avaliação Arqueológica
Lake Luise Referência (BLL) 532.530

John Tupler

Conteúdo

1. Introdução.
    - 1.1. Âmbito do Documento.
    - 1.2. O Sítio.
    - 1.3. Planejamento.
    - 1.4. Geologia e Topografia.
    - 1.5. Estratigrafia.
  2. Contexto histórico e arqueológico.
    - 2.1. Introdução.
    - 2.2. Análise das valas.
    - 2.3. Resultados.
    - 2.4. Depósitos naturais e sequência de solo.
    - 2.5. Avaliação das trincheiras.
  3. Levantamento dos achados.
    - 3.1. Reexame e análise laboratorial.
    - 3.2. Análise comparativa.
    - 3.3. Conclusões.
    - 3.4. Considerações finais.
  4. Bibliografia.
- Anexo 1 - Tabelas das trincheiras.
Anexo 2 - Localização do sítio e das trincheiras.
Anexo 3 - Seção nordeste da trincheira 5.

Expedição Itaparica 2003

Taylor Van Loch

O projeto do Sítio Arqueológico de Itaparica | Itaparica Archaeological Site em parceria com a Fundação Sacatar, distingue-se pela preocupação constante em envolver a comunidade no processo de recuperação dos achados arqueológicos, procurando sensibilizá-la para a importância do patrimônio arqueológico nacional.

Vista aérea da Quinta Pitanga, sede da Fundação Sacatar, em 1961

A descoberta de sítios arqueológicos é frequentemente ocasional e feita por proprietários rurais, agricultores, construtores, operários e trabalhadores em geral, durante suas atividades profissionais. Este foi o caso de uma peça datada de cerca de 2000 a.C., encontrada na ilha de Itaparica, na Bahia, em local próximo à cidade de Itaparica, na Quinta Pitanga. Dona Nineta, catadora de conchas para confecção de bijuterias (que os nativos chamam de búzios) ou destinada à alimentação (chumbinho, um tipo de vongole), enquanto trabalhava, topou com a ponta da peça enterrada na areia. Este objeto causou surpresa aos nativos, que imediatamente entraram em contato com a Fundação Sacatar.

O diretor da fundação, Taylor Van Loch notificou o fato a *NATO Communications and Information Agency*. A notícia gerou um grande interesse internacional e o professor Vincent Agustinov foi convidado para organizar um grupo de arqueólogos para uma expedição e dar início às escavações.

Dona Nineta e a primeira peça encontrada em frente à Quinta Pitanga

O trabalho de escavação começou na área próxima ao objeto encontrado por Dona Nineta, na área frontal da Quinta Pitanga. A marcação de uma malha de quadras de 2 x 2 m, sobre toda referencial métrico (garantindo a localização correta de todos os objetos encontrados no perímetro de 100 m² e o detalhamento arqueológico com todas as informações registradas a partir das quadras), foram registrados e fotografados. Todos os objetos tirados do primeiro nível foram salvaguardados com identifica-

ção da quadra até que não existiam mais indícios arqueológicos e atingiu-se terreno estéril. As peças receberam um número de catálogo com a identificação a que quadra e nível pertenciam e, depois de catalogadas, foram levadas para análise de carbono-14, em laboratório especializado.

Durante a escavação no dia 27 de janeiro de 2003, foi encontrada uma placa de grandes dimensões, (aproximadamente um metro de comprimento por 50 cm de largura e 5 cm de espessura), com a aparência de uma estela funerária. As escavações prosseguiram até o dia 11 de fevereiro de 2003 e outras seis peças foram encontradas. Ambas intervenções arqueológicas foram notificadas pela Agência Reuters de Notícias.

Uma terceira escavação aconteceu quatro anos depois quando um caseiro entrou em contato com a Fundação Sacatar e mostrou a ponta de uma peça encontrada casualmente durante seu trabalho diário de limpeza da praia.

Detalhe da peça ITABA 270103 R3DVDL

ITABA 110203 R3CML1

Os fragmentos mais significativos e as peças completas ou reconstituídas, foram fotografadas, desenhadas, medidas, pesadas e identificadas para o conhecimento de sua origem, época e técnica de fabrico. Mais do que a época das peças, estas informações contam sobre as relações de produção e sobre os costumes dos habitantes da região.

As ações de investigação arqueológica e pesquisas históricas e os dados produzidos pela correta intervenção no sítio arqueológico de Itaparica, salvaguardando e protegendo a cultura material recuperada, através das escavações sistemáticas e cuidadosas realizada pela equipe multidisciplinar de técnicos, culminaram com a criação do Museu Arqueológico de Itaparica.

A organização desta equipe de arqueologia, a cargo da Fundação Sacatar e com o apoio da Universidade Federal da Bahia, tem por objeto a cooperação técnica e científica [nota 2], e visa contribuir para a transmissão de conhecimento e solução das questões relativas ao acompanhamento do patrimônio histórico e cultural da região.

Reuters - January 27, 2003

Itaparica, BA, Brazil - On Itaparica, a northeastern island in Brazil, best known for beaches, an archeological discovery may have revealed the existence of a previously unknown civilization. A team of archeologists led by Vincent Agustinovich, Professor Emeritus of Iberoislatic Antiquities at the University of New York in New Jersey, today unearthed a large tablet, nearly 4x3', engraved with a pattern resembling an electronic circuit. "This is beyond anything that has ever been discovered before," attested Professor Agustinovich. "It threatens everything we know. This is more than an art piece. It's beyond Mayan or Aztec temples. Look at the symmetry, the resemblance to electronic circuitry. This is clearly a very advanced civilization." The piece was initially discovered when a local woman, one of many who comb the beaches for tiny shells to make jewelry, broke her toe on it. She described it to the emergency room doctor Raimundo Santo "Zé" da Silva, who also serves on the island's Tourism and Development Council. The Council contacted the Museum of Archeology in the nearby city of Salvador. The Museum head, Dr. Andreia Gardenia Maia, recognized the potential significance of the find and called in Professor Agustinovich. By then, the tablet had been reburied by sands, and a seven mile length of beach had to be closed for several weeks while its location was narrowed down. "It's high season on the island right now, and closing beaches isn't really consistent with our mandate," said Dr. da Silva of the Tourism and Development Council. "But we're glad they found it and want everyone to know. Itaparica's beaches are open again." The project has already been endorsed and funded by numerous organizations including UNESCO and NATO. The tablet is currently being carbon dated. P.V.

Reuters - February 11, 2003

Itaparica, BA, Brazil - Two weeks following the unprecedented discovery of an ancient tablet on Itaparica island, in northeastern Brazil, six more antiquities which appear to originate in the same culture have been unearthed. Small flat tablets or disks engraved with markings remarkably like electronic circuitry or binary codes, neither their makers nor their era of origin have as yet been identified. A team of specialized praiarcheologists, headed by the distinguished and controversial Vincent Agustinovich, Professor Emeritus of Iberoislatic Antiquities at the University of New York in New Jersey, disinterred the weathered but apparently largely intact artifacts with surprising speed. "As I said before," attested Professor Agustinovich, "this is definitely the most important, groundbreaking archeological find ever. I mean, ever." Professor Agustinovich's Emeritus status was recently called in to question by serious allegations that he had forged two tiny pieces, a thimble and an awl, in an otherwise legitimate collection of Paleolithic Azorean tomb objects whose excavation he oversaw in 1944. "I can't tell you how surprised I would be if these pieces turn out to be anything special," said Professor Kitschell Hornius, of the University of Finisterre in Cacha Pregos. "I don't know what they are or what they were doing out there in the beach, but it seems to me Agustinovich specializes in creating diversions." Professor Agustinovich has long also been rumored to be employed by the CIA, but has consistently countered such rumours with allegations that the CIA is persecuting him. "Professional jealousy goes with the territory, so to speak" commented Taylor Van Loch Ness, chief curator of Her Majesty's Museum of Old Pretty Things in Cairo, whose collection houses most of the most significant archeological finds of the last hundred and fifty years. "I'd say Vince has an even chance of coming out of this with his hands clean. So to speak." The pieces are currently being carbon dated. P.V.

Artigos da agência de notícias Reuters

Conteúdo volume IV

Expedição Itaparica 2003, Bahia, Brasil
Estudos preliminares da pré-história
da Ilha de Itaparica

Taylor Van Loch

Introdução.

1. A região.

1.1. Limites geográficos.

1.2. Características geológicas.

1.3. Distribuição altimétrica oceânica da região.

2. Inventário do sítio.

2.1. Estudo de campo contextual.

3. Projeto e metodologia da escavação.

4. Os artefatos descobertos.

4.1. Inventário e Estudo dos artefatos.

4.2. Análise laboratorial.

4.2.1. Resultados obtidos.

5. Estudo comparativo com objetos em acervos locais.

5.1. O estado de investigação.

5.3. Observações.

6. Conclusão.

7. Referências Bibliográficas.

Anexo 1 - Fichas de campo.

Anexo 2 - Tabelas laboratoriais.

Anexo 3 - Ilustrações e Cartografia

Expedição Armênia 2006

Marlis Sagasyan

Dando sequência aos trabalhos desenvolvidos pelo programa da agência GCCA (sediada em Gyumri, Armênia) desde 1995 e quase dez anos depois das últimas intervenções no local, iniciou-se em agosto de 2006 uma nova campanha de escavações arqueológicas no lago Sevan, em consequência de novas descobertas arqueológicas na região.

Gyumri segunda maior cidade da Armênia, foi fundada em 1840 como Aleksandropol e rebatizada de Leninakan em 1924, após ser tomada pelo exército do então líder soviético Vladimir Lenin. O nome da cidade foi mudado para *Gyumri* em 1991. Situada em uma elevação de 1402 metros acima do nível do mar a noroeste da capital Yerevan e em uma área geologicamente instável, Gyumri foi danificada severamente em dezembro 1988 por um terremoto que destruiu a maioria dos edifícios multi-históricos da cidade e causou mais de 30.000 mortes.

Gyumri permanece em processo de reconstrução desde o início dos anos 1990, por iniciativa da agência GCCA (*Gyumri Contruction for Cultural Armenia*). Ao promover ações locais e estabelecer parcerias para obtenção de recursos humanos e econômicos, a entidade tem o objetivo de resgatar e reconstruir o patrimônio histórico e cultural do país.

Fotografia anterior ao terremoto

Gyumri após terremoto de 1988

Durante a recuperação dos edifícios danificados ou completamente destruídos pelo terremoto, especificamente na área onde está situada a casa de Sergey Dzitoghtsyan Merkurov, construída em 1872 e posteriormente transformada em museu, foi descoberto um túnel que alcança um cômodo subterrâneo. Neste compartimento, foram encontradas algumas pedras, de médio porte (aproximadamente 130 x 70 x 30 cm), com incisões pouco definidas, além de vários documentos e cadernos com anotações e mapas em ótimo estado de conservação. Estes mapas indicam a área oeste do lago Sevan, onde os trabalhos de escavação tiveram lugar: entre a “Pensão dos Físicos” e o Monastério de Sevanavank, no qual estão as Igrejas de Santo Araquelots e Santo Astvatsatsin, construídas em 874 d.C.

A partir desta descoberta, foi organizada a expedição que propiciou o encontro de profissionais de diversas áreas e de origem armênia provenientes de 17 países para novas escavações na região indicada nas anotações e mapas. Com o desenvolvimento dos trabalhos, foi posto a descoberto materiais arqueológicos datáveis do século primeiro, período inicial do cristianismo. Estes materiais, para além da importância histórica que assumem por si próprios, constituem igualmente um importante testemunho da presença da cultura ocidental na região e vem comprovar a teoria que reputados historiadores e interessados pela História da Armênia há muito defendiam: a existência de um povoado de crença religiosa não oriental em época anterior à dada como oficial do início do período cristão na Armênia.

Khatchkar são comumente deixados nos arredores das igrejas

Diversas espécies de *Khatchkar* (o mais forte símbolo da religiosidade católica da Armênia) [nota 3] fragmentados ou inteiros, de vários tipos, cores e formatos, são encontrados em toda a extensão do lago Sevan.

Khachkars são encontrados ao longo de todo o território da Armênia histórica ou Grande Armênia e, de fato, a história dos *khachkars* armênios remete à pré-história. *Khachkar* é um tipo evoluído de objetos dos primórdios do pré-cristianismo: os *Vishapakars* (pedras em formato de peixe ou pedras do Dragão). Erigidos milhares de anos antes dos *khachkars* cristãos, são muito semelhantes às pedras descobertas no subsolo da casa da família de Sergey Dzitoghtsyan Merkurov.

Monolito considerado forma de transição entre os *Vishapakars* e os *Khachkars*, presentes na paisagem do país e ainda não estudados

Estas pedras, com incisões no formato de peixes ou remetendo a seres aquático-voadores, como os legendários dragões ou outros seres míticos, são artefatos altamente simbólicos. Estudos recentes levantam a possibilidade da existência de cerca de 150 exemplos de tais monumentos, 90 dos quais estão situados na República da Armênia.

O mapa a seguir mostra a distribuição e quantificação de *Vishapakars*, pesquisa realizada por Arsen Bobokhyan, do *Institute of Archaeology and Ethnography, National Academy of Sciences* (Armênia), Alessandra Gilibert e Pavol Hnila, da *Freie Universität Berlin, Institut für Alterorientalistik* (Alemanha).

Os *Vishapakars* foram descobertos entre os séculos XIX e XX e investigados por diferentes autores: Atrpet, N. Marr, Y. Smirnov, A. Kalantar, B. Piotrovskiy e G. Kapantsyan, que defendiam a ideia de que serviam para marcar pontos nodais de sistemas de irrigação pré-históricos. É considerado também símbolo da fertilidade, árvore da vida e da sabedoria e do poder gerativo da vida. O *Vishapakar* representaria a essência divina do Oceano Cósmico, de acordo com a tradição, e deveria ser colocado na "terra entre as águas". O território do Império Armênio de Tigran, o grande (95-66 B.C.), ocupava grande parte da área situada entre três mares: o Negro ao norte, o Mediterrâneo a oeste e o Cáspio a Leste.

A Armênia ancestral alcançava os três mares: Negro ao norte, Mediterrâneo a oeste e Cáspio a Leste.

Independente da construção deste imaginário, o levantamento da escassa documentação historiográfica e arqueológica local confirma algumas das teorias desacreditadas anteriormente.

Nas escavações realizadas pelo projeto foram encontrados distintos monolitos, de diferentes formas e tamanhos. As peças descobertas na expedição de 2006 apresentam dados particulares e distintos tanto em sua composição quanto à iconografia aplicada das centenas de monolitos construídos anteriormente ao século III, data definida como o estabelecimento da religião na Armênia.

Com base na sua forma e iconografia, foram identificadas três classes principais dessas pedras, com cronologias alternadas, de diferentes alturas (50-250 cm) e materiais locais (principalmente basalto).

A primeira classe de pedras, compreende as esculpidas em forma cônica, com incisões bem definidas, semelhantes a "espinhas de peixe", que datam de 95 a 50 B.C.; A segunda classe tipológica mantém a forma retangular da terceira classe e a presença da forma simétrica semelhante à "espinhas de peixe" da primeira, no local onde os elementos da simbologia cristã estariam representados, entre 70 B.C. e o segundo século d.C..

Artefatos representantes da primeira classe durante as escavações

A terceira classe tipológica dispõe de pedras esculpidas de forma retangular e incisões com simbologia cristã e ornamentos bem definidos, datados do séculos II e III d.C. (suas característi-

cas permanecem e são construídos até hoje, presentes principalmente no Cemitério de Noratoos). A segunda e a terceira classe mantêm os mesmos tipos de ornamentos ao redor da imagem central.

Cemitério de Noratoos

É conteúdo do Volume VI as novas hipóteses, acompanhadas de estudo detalhado a partir dos dados de referência SeDMk e dados coletados por toda a extensão do atual território armênio, além das considerações estabelecidas entre os achados anteriores e as análises comparativas das peças da expedição de 2006.

Divulgação local de um dos exemplares da segunda classe

Conteúdo do volume V

Expedição Armênia 2006 no Lago Sevan *Vishapakars: Khatchkars pré-históricos*

Marlis Sagasyan

1. Introdução.
    - 1.1. Antecedentes históricos.
  2. Localização da documentação em estudo.
  3. Análise da documentação ref. Gyn.08.06.SeDMk
  4. Relato expedicionário.
    - 4.1. Anotações de campo.
  5. Organização e confronto dos dados.
  6. Conclusões preliminares.
  7. Análises comparativas.
    - 7.1. Reestudo dos objetos ref. SeDMk10.01 a SeDMk10.79
    - 7.2. Análise dos objetos ref. SVAh.a.20.06
    - 7.3. Hipóteses consideradas.
      - 7.3.1. Estudo de caso Krt.III.acA
      - 7.3.2. Estudo de caso Krt.PI.afA
      - 7.3.3. Estudo de caso Krt.IR.gyA
  8. Conclusões.
  9. Bibliografia.
- Anexo 1 - Documentação histórica - cadernos de campo.
 Anexo 2 - Mapas e anotações ref. SeDMk
 Anexo 3 - Fotointerpretação.

Expedição Montemor-o-Novo 2011

Cira Kamacho

O sítio do Alentejo Central foi alvo de duas fases de intervenção arqueológica, entre 2008 e 2011. Em alguns destes contextos encontraram-se materiais conotados com uma função essencialmente simbólica. O Volume VII apresenta os resultados obtidos na Expedição realizada em 2011, no perímetro da cidade de Montemor-o-Novo, na região do Alentejo Central, o mais extenso povoado pré-histórico conhecido de Portugal.

Monumentos megalíticos da Península Ibérica

No Alentejo Central, como nas outras áreas megalíticas do território, dentre os monumentos e sítios, neolíticos e calcolíticos, destacam-se as antas [nota 4]. Elas começaram a ser inventariadas na sequência da criação da Real Academia de História setecentista (PINA, 1733). Este impulso inicial teve um desenvolvimento importante na segunda metade do século XIX. Nessa época foi dada a conhecer uma série de novos monumentos (PEREIRA, 1880; SIMÕES, 1878; SILVA, 1878; NOGUEIRA, 1887; ESPANCA, 1894; VASCONCELLOS, 1898; CARTAILLAC, 1886), muitos dos quais danificados ou destruídos.

A escavação em grande escala das antas e sepulturas proto-megalíticas do Alentejo Central, no início do século XX, viria a ser uma atividade exclusiva dos investigadores sediados naquele que se tornou o atual Museu de Arqueologia de Montemor-o-Novo. O Conselho de Montemor-o-Novo é detentor de um importante espólio megalítico, que constitui um dos seus mais importantes conjuntos patrimoniais. Esta importância decorre não só do elevado número de monumentos megalíticos que ainda hoje se podem observar *in situ* mas também do numeroso e variado espólio progressivamente recolhido e que, na sua maior parte, aguarda ainda um estudo adequado. O próprio José Leite Vasconcelos, então diretor do Museu Etnológico Português, dedicou-se ao estudo e exploração de alguns monumentos da região, contribuindo para o seu inventário e interpretação, através de numerosas notícias publicadas na revista O Arqueólogo Português. Entre 1898 e 1900 escavou várias antas, com Júlio César Garcia, em S. Geraldo, no conselho de Montemor-o-Novo. Os apontamentos tomados por estes autores durante as escavações só recentemente vieram a público, pela mão de Júlio Roque Carreira, na revista Almansor.

Na sua esteira, Manuel Heleno, então diretor do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, iniciou nos anos 1930, um estudo sistemático, muito mais ambicioso nos objetivos, do megalitismo funerário alentejano. A sua área de intervenção corresponde a um retângulo de orientação nordeste-sudoeste, que engloba essencialmente a parte norte do Alentejo Central, integrada na bacia hidrográfica do Tejo e abrangendo parte dos conselhos de Montemor-o-Novo, Mora, Coruche, Arraiolos e Estremoz. O elevado número de antas no Alentejo Central, em particular na região de Évora e Montemor-o-Novo, desperta então, a atenção de investigadores. Dentro deste conjunto, destaca-se a Anta Grande da Comenda, o monumento de maiores

dimensões de todo o conjunto intervencionado. Além do monumento permanecer em muito bom estado de conservação, revelou uma grande complexidade arquitetónica, com nichos e várias estruturas/sepulturas na mamoa (restos de construções tumulares), com o corredor e a câmara ainda cobertos com as pedras que se encontravam sobrepostas, parecendo telhas num telhado.

Distribuição dos monumentos e sítios, neolíticos e calcolíticos, no Alentejo Central.

Na área de Montemor-o-Novo, Manuel Heleno identificou e escavou o maior número de monumentos megalíticos, entre 1931-1938. Registrados em 30 cadernos de campo, atualmente depositados no Museu Nacional de Arqueologia, eles incluem notas transcritas, plantas dos monumentos escavados e algumas fotografias da época. A recente pesquisa faz uso desses cadernos de campo que resgatados, permitiram estabelecer uma ligação entre os milhares de artefatos resultantes das escavações e os monumentos de onde foram exumados, uma vez que todo esse material se encontrava rotulado de forma codificada, nos depósitos do referido Museu. No contexto do desenvolvimento da arqueologia pré-histórica, estes documentos passam a ser objeto de uma análise mais atenta, procurando-se novas propostas cronológicas e funcionais.

Os trabalhos de prospecção realizados no sítio em estudo permitiram uma boa noção da sua relevância e do bom grau de preservação de contextos e da cultura material a este associada. A análise de orientações e espacialidades das diferentes seções de fossos postas a descoberto dos trabalhos, bem como as conhecidas em intervenções anteriores, levaram ao desenho de hipóteses de trabalho onde se levanta a possibilidade de estarmos perante novas interpretações para os artefatos funerários exumados. Mais que dados reais, os dados obtidos fornecem hipóteses de trabalho a desenvolver em futuras intervenções, sendo estas que irão levar ao desenho da planta do povoado pré-histórico e a estipular as estratégias de ocupação e abandono, como ficou demonstrado pelos trabalhos arqueológicos antecedentes.

No que diz respeito ao setor em estudo, registraram-se contextos algo distintos dos restantes setores, que ao contrário destes - onde os indícios surgem quase à superfície do substrato geológico, sendo a grande maioria composto por estruturas que cortam contextos arqueológicos, bem como as argilas e margas geológicas - o sector 1 revelou que pelo menos em parte, a Geologia encontra-se a mais de um metro de profundidade, fato que levou à deposição de várias camadas arqueológicas. Estas em larga medida, devem ser representativas da diacronia do povoado pré-histórico, marcando diferentes fases e momentos de ocupação ao longo de um largo período temporal. Assim, é chamada a atenção para a grande quantidade, diversidade e qualidade do conjunto artefactual recolhido, analisados em parte, no presente estudo.

A natureza especial do povoado pré-histórico ficou bem vincado com os trabalhos até agora realizados, que permitiram mais do que complementar os trabalhos anteriores realizados, trazer toda uma nova luz perante um conjunto de importantes contextos que revelam de forma única a vivência de homens e

mulheres do terceiro milênio a.C. Mostra-se evidente o domínio das formas e da tradição iconográfica calcolítica nos artefatos exumados. Em termos cronológicos, há diferentes ambientes culturais: um primeiro, do Calcolítico Inicial e um segundo, do Calcolítico Pleno.

Durante a Expedição Montemor-o-Novo, de 2011, a escavação na Anta Grande da Comenda, no setor II do sítio do Alentejo Central e as sondagens realizadas permitiram a recolha contextualizada de diversas placas de xisto. Nos túmulos megalíticos pré-históricos da península Ibérica, são descobertas frequentes as placas de xisto gravadas com orifícios para suspensão, por vezes interpretadas como objeto de caráter mágico-simbólico.

Exemplar de placa de xisto do espólio da escavação de 2011 na Anta Grande da Comenda

Das diversas e originais manifestações do megalitismo alentejano, as placas de xisto gravadas são sem dúvida as mais marcantes, pelo simbolismo que encerram e pelo seu caráter inédito na história do grafismo pré-histórico. No que toca ao contexto funerário, a presença junto ao defunto de uma placa de xisto, de um ídolo cilindro e de alguns ídolos-falange, de várias espécies de conchas e, talvez, de alguns utensílios ligados à tecelagem, assim como de vários recipientes cerâmicos que se encontravam em excelente estado de preservação, pode remeter a rituais religiosos associados ao morto e ao espaço de sua deposição. No seu lugar, a maioria das placas de xisto exumadas apresenta-se geralmente em sua forma completa e em alguns casos, fragmentadas, passíveis de reconstituição e restauração. Desta forma, podemos ter uma leitura completa da informação iconográfica que transportavam. As peças completas e os fragmentos recuperados mostram motivos geométricos gravados por incisão, alguns deles apresentando gravuras toscamente executadas. As placas de xisto não são registros escritos com glifos, são registros codificados em material perene.

Planta da Anta Grande da Comenda em Montemor-o-Novo com indicação da localização das placas de xisto exumadas

O exemplar completo, que provém da camada de enchimento da inumação de uma mulher jovem encontrada na fossa [MoIr.1250], encontrava-se acompanhada de diversas outras peças que constituem o seu espólio. Os motivos do anverso desta placa, assemelhado a motivos de artefatos similares exumados em intervenções antecedentes, foram interpretados com base em uma teoria que tem sido alvo de crítica de vários autores (RENFREW & BAHN, 2008), como representando uma simbologia própria da Deusa-Mãe, protetora dos mortos e símbolo da vida.

Para o conhecimento de sociedades desaparecidas, os dados arqueológicos terão sempre uma tradução linguística direta ou indireta. Estudando sociedades iletradas e desaparecidas, a pesquisa arqueológica dos referentes da comunicação linguística extinta terá de socorrer-se de meios e métodos diferentes, na tentativa de aproximação ou entendimento. Recentes pesquisas nesse sentido são realizadas ou estimuladas principalmente por antropólogos, sociólogos, etnólogos e linguistas, abordagem multidisciplinar que a Arqueologia mais tradicionalista tem tido dificuldade de aderir. Embora a Semiótica tenha comprovado ser um instrumento pragmático e disponível, a utilização dos seus métodos ainda estão longe de serem frequentes.

Mais frequentes e cada vez mais elaboradas têm sido as metodologias de análise estatística e tipológica, atualmente beneficiados pelos meios informáticos. Esta metodologia, com possibilidade de tratar maior número de parâmetros, permite uma classificação clara de peças arqueológicas. Embora de modo rudimentar, foram aplicados os princípios básicos dela a um corpus de cerca de 300 placas de xisto recolhidas nas escavações de 2011, apresentando novas possíveis deduções em relação ao uso dos 'Ídolos Placa'. Esta avaliação mais recente desses objetos e o corpo de dados em análise na busca do significado das

placas de xisto é conteúdo do Volume VII, objetivando desmistificar a sua funcionalidade mística.

Nesta análise é considerado o estudo publicado por Catrina Lellios em 2007, que optou por introduzir uma rigorosa metodologia científica para decifrar os códigos gráficos inscritos nas placas de xisto. A autora defende a hipótese de que os habitantes pré-históricos da Península Ibérica, ao gravar desenhos em placas de xisto, identificavam os membros das suas elites. Trata-se afinal, de um sistema de comunicação social que ao expor suas fraturas, torna difusa a linha divisória que separa a Pré-História da História.

A expedição em Montemor-o-Novo foi assunto de capa da revista *National Geographic* de agosto de 2011

Conteúdo volume VI

Expedição Montemor-o-Novo 2011

Portugal

As placas de xisto do Alentejo Central

Cira Kamacho

1. Introdução.
    - 1.1. Patrimônio Arqueológico do Calcolítico Final.
    - 1.2. Monumentos Megalíticos do Alentejo Central.
    - 1.3. Dólmenes ou Antas.
  2. Localização dos Sítios Arqueológicos do Alentejo Central.
  3. Escavação na Anta Grande da Comenda.
    - 3.1. Estudo de Campo.
    - 3.2. Levantamento Geomórfico.
    - 3.3. Metodologia Adotada.
  4. Espólios dos monumentos funerários Eneolíticos.
    - 4.1. Ídolos placa, placas de grés ou estela eneolítica.
    - 4.2. Contextualização Etnohistórica.
    - 4.3. Iconologia.
  5. Os artefatos.
    - 5.1. As placas de xisto por Catrina Lellios.
    - 5.2. Os artefatos encontrados no sítio M-o-N- I.R.F.A.11
    - 5.3. Conclusões.
  6. Referências Bibliográficas.
- Anexo 1 - Fichas de campo.
Anexo 2 - Fichas dos artefatos em estudo.
Anexo 3 - Cartografia.

Expedição Marajó 2013

Hugo Maltese

Inicialmente no Brasil houve uma desvalorização do contexto histórico nacional devido às grandes importações de técnicas e ideologias na área da Arqueologia advindas da Europa. A valorização de um passado estrangeiro provocou a desvalorização da memória nativa, a indígena. No sétimo volume, discutiremos como são representados em sua iconografia os vestígios arqueológicos para o entendimento das formas de organização social da Amazônia ao longo do tempo.

Compreender as diferentes formas de organização social do passado sempre foi o foco do trabalho arqueológico. Esse assunto nunca foi aplicado de modo consensual na região. Métodos de pesquisa exploratório-indutivos de investigação arqueológica não tinham como objetivo explorar e compreender a natureza do objeto e seus aspectos simbólicos, que colaboram para a interpretação das atividades culturais, sociais e econômicas dos sítios arqueológicos. Mesmo mantendo o enfoque ambiental, o trabalho de campo costumava ser realizado em caráter de urgência em áreas com projetos para construção de estradas e pontes, de mineração e metalurgia ou hidrelétrica. Este processo acelerado para a realização de levantamentos intensivos, uso de documentos e de estabelecimento das relações entre os diversos dados provenientes de outras áreas do conhecimento, causou grande impacto sobre o patrimônio cultural da área, ocasionando a destruição da cultura material de grupos culturais representantes da tradição dos artesãos de cerâmica na Amazônia.

A pesquisa arqueológica na Amazônia, nos últimos 50 anos, é centrada no projeto de resgate arqueológico. Procura mapear, investigar e recuperar a cultura material dos sítios arqueológicos pré-históricos. A ocupação humana no Arquipélago do Marajó é bastante remota, datando de pelo menos 5.000 anos a.C., se considerarmos os sambaquis. O desenvolvimento de sociedades complexas a partir do século V a.C. - a cultura marajoara - parece similar ao restante da bacia Amazônica, onde sociedades complexas surgem cinco séculos mais tarde.

Fragmentos de cerâmicas exumados no sambaqui do sítio Mapuá no município de Bagre

A cerâmica encontrada em antigos cemitérios indígenas da ilha e comercializadas indevidamente tem destruído esse patrimônio ainda pouco conhecido sobre as sociedades que ali viviam, o que levanta a necessidade de se realizar pesquisas sistemáticas ou mesmo o controle e a proteção para a preservação dos sítios arqueológicos existentes na região.

Foram descobertos e registrados sambaquis no município de Bagre - sítio Mapuá e outro no município de Gurupá - sítio Jocojó. Nenhum destes sambaquis ainda foi estudado, mas pode-se supor que datam de três a cinco mil anos, considerando-se a antiguidade de sítios semelhantes encontrados na costa norte do Pará e portanto, representantes da mais antiga ocupação da ilha (PDTSAM, 2007).

Desenterramento de urnas funerárias no sítio Mapuá

O método da pesquisa adotado neste projeto é o modelo da arqueologia espacial. Incorpora o uso de grandes áreas geográficas para a busca de sítios arqueológicos, incluindo as técnicas de mapeamento topográfico, levantamentos geofísicos e as sondagens, com trato pedológico, este último com o propósito da delimitação das áreas de ocupação, em termos das áreas internas, de transição e as imediatamente externas dos sítios arqueológicos, também localizando estruturas, feições e artefatos arqueológicos. Foram feitas abordagens arqueológicas

ênfatizando, inicialmente, os trabalhos de prospecção e de levantamentos de fontes escritas, mapas e iconografia. Posteriormente foram realizados o mapeamento e a escavação dos sítios. O levantamento do contexto espacial possibilitou a localização precisa dos sítios arqueológicos, levando em consideração as estruturas remanescentes e os vestígios de solos arqueológicos, ou terra preta arqueológica (TPA), que são relacionados com o entorno ambiental e as possíveis fontes de matéria-prima.

Os dados de campo, levantados através de mapeamento e escavações, evidenciaram também uma sequência temporal, ora interrompida pelas intervenções antrópicas ao longo do tempo, ora preservadas e passíveis de melhor interpretação. Essas evidências foram também observadas nas demais atividades de integração que incluíram os levantamentos botânicos, topográficos, pedológicos, palinológicos e antropológicos.

Os dados apresentados são oriundos de diferentes atividades de pesquisa, integrando profissionais da Geofísica, Geografia, Topografia, Botânica e Antropologia na construção de uma intrincada rede de relações entre as geociências, as biociências e as ciências humanas, destacando-se a Arqueologia e a Antropologia. Os modelos elaborados na análise arqueológica espacial possibilitou a interpretação das áreas de atividades de um sítio, a possível reutilização de objetos para novas atividades e a informação parcial sobre os artefatos recuperados, ou parcialmente usados, incluindo informações a respeito da natureza dos artefatos, seu contexto deposicional, pós-deposicional e a natureza do agrupamento onde ocorreram.

Durante várias décadas buscou-se identificar pontos em comum entre a cultura Marajoara e outras culturas distantes, na busca de sua origem. O método comparativo levou os estudiosos a buscar essa origem em lugares tão distantes como o Egito (LISLIE DU DRENEUC, 1889) ou a Escandinávia (B. RODRIGUES, 1876).

Os resultados de todo esse trabalho, levado a efeito com uma equipe multidisciplinar e com a possibilidade de analisar o material em laboratórios sofisticados, sugere que, ao contrário do que se pensava anteriormente, a Ilha de Marajó suportou uma civilização altamente desenvolvida, por quase 1.000 anos, até aproximadamente o ano de 1300 a.C.. E não só esta população não decaiu sob as agruras do clima e da geografia da Ilha como nela se desenvolveu, florescendo ali uma das civilizações mais complexas da pré-história recente das Américas.

Artefatos exumados no sambaqui do sítio Jocojó no município de Gurupá

Conteúdo volume VII

Expedição Marajó 2013, Pará, Brasil.

Iconografia e simbologia
da cerâmica marajoara pré-histórica

Hugo Maltese

1. Introdução.
    - 1.1. As primeiras incursões e as pesquisas arqueológicas.
    - 1.2. Patrimônio Arqueológico do Marajó.
    - 1.3. Registro Arqueológico e Etnohistórico.
  2. Modelo adotado de pesquisa - a Arqueologia Espacial
    - 2.1. Contexto dos modelos de ocupação humana da Amazônia.
    - 2.2. Distribuição dos sítios na paisagem.
  3. Metodologia de prospecção e escavação.
    - 3.1. Sítios investigados.
      - 3.1.1. PA-aMjB-18: Escavações no sítio Mapuá, Bagre.
      - 3.1.2. PA-aMjG-25: Escavações no sítio Jocojó, Gurupá.
  4. Análise do material arqueológico da escavação utilizando Modelo Analítico Cacicado.
  5. A Linguagem Iconográfica dos artefatos.
    - 5.1. Análise das Representações.
    - 5.2. Os Motivos Geometrizes.
    - 5.3. Formas Ligadas ao Uso de Alucinógenos.
    - 5.4. As Tangas.
  6. Conclusões preliminares.
  7. Referências bibliográficas.
- Anexo 1 - Fichas analíticas.
Anexo 2 - Tabelas de composição dos materiais.
Anexo 3 - Fotointerpretação.

Documentação arqueológica e processual

Aidéer Blavatsky Bureau

No que tange ao registro das informações, como toda escavação é de certa forma uma descontextualização do objeto e, em muitos casos, a perda parcial ou mesmo integral do sítio arqueológico, é necessário que se preserve o máximo de informações possíveis tanto do processo como do trabalho realizado. As informações de cunho arqueológico são essenciais para resgatar a história e a contextualização dos materiais coletados. As mudanças nos métodos de escavação implicam também um novo método de documentação arqueológica.

O modelo de documentação arqueológica adotada no projeto inclui a classificação proposta pelos arqueólogos Don D. Fowler e Douglas Givens e será apresentada em quatro segmentos: documentações primárias, documentações analíticas, documentações administrativas e relatórios.

As documentações primárias registram o contexto em que estavam os materiais. Trata-se de documentos elaborados *in loco* que acompanham o projeto de escavação (cadernos de campo, fotografias, mapas e relatórios de evidências físicas) e documentos de acesso, elaborados onde os materiais são salvaguardados e a base para o gerenciamento do acervo: os catálogos e inventários. Nesta categoria estão compreendidos os documentos legais e fichas de conservação e restauro.

O inventário é constituído por um conjunto de informações do sítio arqueológico, de natureza técnica e científica, legal e administrativa. A localização de cada sítio envolve a localização administrativa, o topônimo, a cartografia, a fotografia aérea e

indicações sobre o acesso ao local. Inclui também um campo de coordenadas, associado ao respectivo grau de precisão. Como complemento desta ficha alfanumérica, uma ficha geográfica reproduz trechos da cartografia onde estão inscritos os sítios arqueológicos registrados.

As documentações analíticas são divididas em primárias e secundárias. Primeiramente referem-se às análises laboratoriais como classificação, medição, análise de composição e de materiais, entre outros aspectos físicos. As secundárias são utilizadas para a análise das informações e compostas por planilhas qualitativas e quantitativas.

Na documentação administrativa, estão presentes: o projeto de pesquisa, os contratos, correspondências, registros financeiros etc.

Os relatórios descrevem as metodologias utilizadas, a tipologia do sítio, materiais encontrados, as análises realizadas e aspectos relevantes da pesquisa. No caso específico da Expedição ao Egito de 1996, foram anexadas as fichas de inventário recolhidas nas fontes primárias referentes à escavação no Templo de Mut.

O Sistema Endovellicus (ou Endovélico), criado pelo Instituto Português de Arqueologia, preserva e gerencia importantes informações relacionadas aos artefatos em estudo. Os aspectos básicos de gerenciamento de informação deste sistema foram consideradas para a elaboração do sistema utilizado no programa. Toda a documentação levantada até o presente momento é conteúdo do volume oitavo, informações estas, presente e constantemente atualizadas na plataforma digital ARCHIRBC017.

Neste contexto, o ARCHIRBC017 assume um papel preponderante como instrumento principal da tarefa de gestão executada pelo programa B.C. Byte. Em desenvolvimento, o trabalho de adequação e otimização do sistema tem o objetivo de constituir-se em uma ferramenta democrática e adaptável às novas exigências, em termos de concepção e funcionamento.

Diagrama simplificado do sistema ARCHIRBC017

Conteúdo volume VIII

Documentação arqueológica e processual e Glossário

Aidéer Blavatsky Bureau

1. Critérios da catalogação.
  - 1.1. documentações primárias.
  - 1.2. documentações analíticas.
  - 1.3. documentações administrativas.
  - 1.4. relatórios das expedições.
2. Registro/inventário,
Fichas de catalogação - entrada e numeração.
  - 2.1. Classificação (categoria) dos artefatos.
  - 2.2. Descrição dos objetos.
  - 2.3. Localização dos objetos (acervos).
  - 2.4. Estado de conservação e observações.
3. Documentação histórica.
  - 3.1. Listagem de documentos e localização.
4. Documentação processual.
  - 4.1. Cadernos de anotações de campo.
  - 4.2. Relatórios das escavações.
  - 4.3. Relatórios pós-escavações.
5. Listagem das imagens.
  - 5.1. Referências arquivísticas.
  - 5.2. Procedência e créditos das imagens.
6. Glossário.
7. Bibliografia.
8. Índice remissivo dos volumes I, II, II, IV, V, VI e VII.

Notas

---

nota 1- Com um orçamento de €716 milhões anuais, a Organização para Pesquisa Científica (OPC) é um dos maiores organismos de financiamento do setor. OPC promove a qualidade e inovação em ciência, selecionando e financiando as melhores pesquisas. OPC gerencia institutos de importância nacional e internacional de investigação, contribui para a programação estratégica de investigação científica e torna a ciência e a sociedade mais unidas. As propostas de investigação são analisadas e selecionadas por pesquisadores de renome internacional. Mais de 5000 cientistas já realizaram pesquisas graças ao financiamento da OPC.

nota 2- A descoberta na Ilha de Itaparica interessou a arqueóloga Niède Guidon, convidada a participar das atividades de pesquisa na Fundação Sacatar. Esta colaboração porém não pode ser efetivada. Niède Guidon precisou retornar à França devido às ameaças decorrentes de seu trabalho na Serra da Capivara. O chefe de segurança do Parque Nacional da Serra da Capivara informou que Niède foi 'jurada de morte'. O primeiro sítio arqueológico do Piauí foi descoberto pela paulista Niède Guidon em 1970. O governo francês patrocinou suas primeiras excursões para pesquisas no local denominado São Raimundo Nonato, a região piauiense onde ela começou a desbravar a origem do homem americano. Desde 1973, a professora Niède coordena pesquisas na Serra da Capivara, hoje reconhecida com Patrimônio Cultural da Humanidade. As descobertas nos sítios da Serra da Capivara provocaram uma reviravolta nos estudos arqueológicos. Niède é a descobridora do

esqueleto mais antigo do país, o de uma mulher morta há 9.800 anos e é também o centro de uma polêmica que vem atraindo o interesse internacional. Em seus 30 anos de pesquisas na região, Niède encontrou o que acredita ser vestígios de 48.700 anos, a evidência mais antiga da presença humana no continente americano. A Arqueologia apontava que o homem veio à América pela África, passando pelo estreito de Behring (região entre a Sibéria e o Alasca) e chegando à América há, pelo menos, 12 mil anos. No entanto, os fósseis de hominídeos achados no nordeste brasileiro pela Missão binacional datam de 50 mil anos atrás, bem mais antigos que os já encontrados na América do Norte. Essas descobertas causaram grande polêmica. Porém hoje, apesar de ainda não se ter desvendado a procedência desses ancestrais, as evidências científicas desse achado são reconhecidas mundo afora.

nota 3 - *Khatchkar* (Cruz de Pedra). A arte da gravação em pedra da Armênia, realizada nas estelas religiosas - os *khachkars* - é um fenômeno original na História da Arte do mundo. Desde o século III as cruzes de pedra simbolizam ideais cristãos. Gradualmente, a escala de seu uso foi alargada. Preservando seu significado religioso, elas foram e são instaladas em diferentes ocasiões memoráveis e como monumentos funerários. Há algumas razões para pensar que os *khachkars*, apesar de sua capacidade limitada, transformaram-se em meios de preservar e promover o desenvolvimento do legado cultural armênio. *Khatchkar* é uma manifestação original da arte nacional da Armênia que em sua forma e tipo, não tem equivalente no mundo.

nota 4 - Anta é um termo muito generalizado no Sul de Portugal. Tem sido frequentemente usado tanto para referir os monumentos de maiores dimensões como as pequenas sepulturas, que outros designam como proto-megalíticas (Leisner, 1959). Nos monumentos funerários neolíticos e calcolíticos, de acordo com a geometria da planta pode-se presumir o modo como funcionaram (BARRETT, 1988; BRADLEY, 1998; COONEY, 2000). Eles permitiam ou não o acesso dos vivos ao espaço funerário. Esta linha de separação implica igualmente, na maioria dos casos, que a algumas (fechadas) correspondam geralmente a enterramentos individuais, enquanto as outras (abertas) contenham, por norma, múltiplas tumulações. O termo anta foi reservado exclusivamente para os monumentos cujo alçado comportaria, presumivelmente, o acesso repetido.

Referências Bibliográficas

Livros

- ALARCÃO, J. de. *Para uma conciliação das arqueologias*. Porto: Afrontamento, 1996.
- ANDERSON, Donald M. *The art of the written forms: the theory and practice of calligraphy*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1969.
- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos* (trad. Clarisse Meireles; Leneide Duarte). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BAHN, P. *Arqueologia: uma breve introdução* (trad. A. Abranches). Lisboa: Gravida, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos* (trad. Zulmira Ribeiro Tavares). São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica - arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENNETT, Tony. *The birth of the museum: history, theory, politics*. London and New York: Routledge, 1995.
- BERLITZ, Charles. *O mistério da Atlântida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- BLACK, Misha. *Exhibition design*. London: The Architectural Press, 1951.
- BLANC, S. *Initiation a la préhistoire*. Paris: Fernand Nathan editeur, 1932.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador* (prefácio Jacques Le Goff, tradução André Telles). Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOOTH Charlotte. *Egito: guia do viajante pelo mundo antigo no ano de 1200 a.C.* (trad. Silvio Antunha). São Paulo: Ciranda cultural, 2008.
- BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. São Paulo: Globo, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. *El libro de arena*. Madri: Alianza editorial, 1998.
- _____. *Elogio da sombra*. São Paulo: Globo, 2001.
- _____. *Ficções*. São Paulo: Globo, 2001.

_____. *História da eternidade*. São Paulo: Globo, 2001.

_____. *Libro de sueños*. Madri: Alianza editorial, 2000.

_____. *O Aleph*. São Paulo: Globo, 2001.

_____. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOTTÉRO, Jean; MORRISON, Ken et al. *Cultura, pensamento e escrita*. São Paulo: Ática, 1995.

BOURDIEU, Pierre; HAACKE, Hans. *Livre troca - diálogos entre ciência e arte*. São Paulo: Bertrand, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP e Zouk, 2008.

BRADLEY, R. 'Architecture, imagination and the Neolithic World' in MITHEN, S. (ed.). *Creativity in Human Evolution*. London: Routledge, 1998.

BUDGE, E. A. Wallis. *O livro egípcio dos mortos* (trad. Octavio Mendes Cajado). São Paulo: Pensamento, 1993.

BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BUTZER, K.W. *Arqueología – una ecología del hombre: Método y teoría para un enfoque contextual*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 1989.

CALADO, Manuel. *Alentejo: Territórios da Pré-História em Portugal*. Tomar: Arkeos, 2006.

_____. *Da serra d'Ossa ao Guadiana : um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2001.

CALVINO, Italo (org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas* (tradução Ivo Barroso). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Assunto encerrado – discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Marcovaldo ou As estações na cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O caminho de San Giovanni*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1999.

_____. *Todas as cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CAPRA, Fritjof. *O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *Sabedoria incomum*. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *O paradigma holográfico: e outros paradoxos*. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. *Pertencendo ao universo: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 1998.

_____. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2007.

CARR, Estela. *O homem do sambaqui: uma estória na pré-história*. São Paulo: Quíron, 1975.

CARRIÈRE Jean-Claude. *Contos Filosóficos do Mundo Inteiro*. São Paulo: Ediouro, 2008.

CARTER, Angela. *103 contos de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASANOVA, Richard. *Fossil collection: an illustrated guide*. London: Faber and Faber, 1960.

CASSIRER, Ernst. *Mito y lenguaje*. Buenos Aires: Ediciones nueva visión, 1973.

CASTILLO, Sonia Salcedo del. *Cenário da arquitetura da arte: montagens e espaços de exposições*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CERAM, C. W. *Deuses, túmulos e sábios* (trad. João Távora). São Paulo: Melhoramentos, 1954.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história* (trad. de Maria de L. Menezes). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHILDE, V. Gordon. *Progreso y arqueología*. Buenos Aires: Editorial la Pleyade, 1973.

CRIMP, Douglas; LAWER, Louise. *Sobre as ruínas do museu*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

DÄNIKEN, Eric Von. *De volta às estrelas* (trad. Else Graf Kalmus e Trude Von Laschan Solstein). São Paulo: Melhoramentos, 1970.

_____. *Eram os deuses astronautas?* (trad. E. G. Kalmus). São Paulo: Melhoramentos, 1969.

_____. *O ouro dos deuses* (trad. Trude Von Laschan Solstein Arneitz). São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DANTO, Arthur C. *A Transfiguração do lugar-comum: uma filosofia da arte*. São Paulo, Cosac Naify, 2005.

DAVIES, W. V. *Reading the past: Egyptian hieroglyphs*. London: British museum press, 1998.

DEAN, David. *Museum exhibition: theory and practice*. London and New York: Routledge, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELIVRÉ, Alain. *L'histoire des rois d'Imerina. Interprétation de la tradition orale*. Nanterre: Publications de la Société d'ethnologie, 1974.

DERRIDA, Jacques. 'A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas' in *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Eduardo Prado Coelho (org.). São Paulo: Martins Fontes, 1970.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos e o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DJINDJIAN, François. *Méthodes pour l'archéologie*. Paris: Armand Colin, 1991.

DONATO, Eugenio. 'The museum's furnace: notes toward a contextual reading of Bouvard and Pécuchet' in *Textual strategies: perspective in post-structuralist criticism*. New York: Cornell University Press, 1979.

EAGLETON Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP, 2005.

ECO, Umberto. *A obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *A busca da língua perfeita*. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *O pêndulo de Foucault*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Entre a mentira e a ironia*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ECO, Umberto; CARRIÈRE Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FEDER, Kenneth L. *Frauds myths, and mysteries: science and pseudoscience in archaeology*. New York: McGraw-Hill, 2008.

FICACCI, Luigi. *Piranesi: acqueforti, grabados, águas-fortes*. Cologne: Taschen, 2006.

FLAUBERT, Gustave. *Bouvard e Pécuchet* (trad. de: Bouvard e Pécuchet: Dictionnaire des Idées Reçues). São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

FLUSSER, Vilém. *A história do diabo*. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. *A escrita - há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

_____. *Natural:mente*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *Pós-história*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.

FOSTER, Hal. *Recodings: art, spectacle, cultural politics*. New York: Bay, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Cristina. *Poéticas do processo: arte conceitual no museu*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

FRUTIGER, Adrian. *Sinais e símbolos* (trad. Karina Janinni). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

GADALLA, Moustafa. *Cosmologia egípcia: o universo animado* (trad. Fernanda Rossi). São Paulo: Madras, 2003.

GALLAY, A. *L'Archéologie demain*. Paris: Belfond, 1986.

GALDINO, Luiz. *Itacoatiaras: uma pré-história da arte no Brasil*. São Paulo: Rios, 1988.

GASPAR, Madu. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GEOFFREY, Blainey. *Uma breve história do mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.

GIBLIN, James Cross. *The riddle of the Rosetta stone: key to ancient Egypt*. New York: Harper Trophy, 1990.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Relações de força: história, retórica, prova* (trad. Jônatas Batista Neto). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOWLETT. *Arqueologia das primeiras culturas*. Barcelona: Ediciones Folio, 2007.

GRIMALDI, David A. *Amber: window to the past*. New York: Harry N. Abrams/American Museum of Natural History, 1996.

GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen Rial (orgs.). *Ensino da antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Florianópolis: Nova Letra, 2006.

HAWKING, Stephen. *O universo numa casca de noz*. São Paulo: Mandarim, 2001.

HEIN, Hilde S. *The museum in transition: a philosophical perspective*. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 2000.

HODDER, Ian. *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge: University Press, 2006.

HOOVER-GREENHILL, Eilean (org.). *Museum, media, message*. London and New York: Routledge, 1999.

JORGE, V. O.; JORGE, S. O. *Arqueologia: percursos e interrogações*. Porto: ADECAP, 1998.

KARP, Ivan; LAVINE, Steven D. (editores). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museum display*. Washington and London: Smithsonian, 1991.

KNELLER, George F. *Arte e ciência da criatividade* (trad. José Reis). São Paulo: IBRASA, 1978.

KOLOSIMO, Peter. *Astronautas na pré-história* (trad. Octavio Mendes Cajado). São Paulo: Melhoramentos, 1976.

KRAVAGNA, Christian; KUNSTHAUS BREGENZ (edit.). *Museum as arena - institution-critical, statements by artists*. Cologne: Verlag der Buchandlung Walter König, 2001.

LANTIER, Raymond. *A vida na pré-história*. (trad. Mary Amazonas Leite de Barros). São Paulo: Difusão europeia do livro, 1965.

LE GOFF, Jacques (org.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

LE GOFF, Jacques. *História e memória* (tradução Bernardo Leitão).

Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LÉVY, Pierre. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia no ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1999.

LILLIOS, Katina. *Estudos sobre as placas de Xisto*. Portugal: Lisboa editorial, 2007.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIPPARD, Lucy R. *Overlay: contemporary art and the art of prehistory*. New York: Pantheon Books, 1983.

LORD, Barry; LORD, Gail Dexter. *The manual of museum exhibitions*. Oxford: AltaMira Press, 2001.

LUCKHURST, Kenneth W. *The history of exhibitions*. London & New York: The Studio Publications, 1951.

LURKER, Manfred. *An illustrated dictionary of the gods and symbols of ancient Egypt*. New York: Thames and Hudson, 1995.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário*. São Paulo: Edusp, 1993.

_____. *Formas expressivas da contemporaneidade in Pré-cinemas e pós-cinemas*. São Paulo: Papirus, 1997.

MALEUVRE, Dedier. *Museum memories: history, technology, art*. California: Stanford University Press, 1999.

MALRAUX, André. *O museu imaginário* (Trad. Isabel Saint-Aubyn). Lisboa: Edições 70, 2000.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de lugares imaginários*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARTIN, Jean-Hubert. 'Beyond belief: the museum as metaphor' in Lynne Cooke & Peter Wollen (edit.) *Visual Display: Culture Beyond Appearances*. New York: Bay Press, 1995.

McLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1972.

MCSHIRE, Kynaston. *The museum as muse: artists reflect*. New York: MoMA, 1999.

MELLA, Federico A. Arborio. *O Egito dos faraós: história, civilização e cultura* (trad. Atílio Cancián). São Paulo: Hemus, 1977.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Primado da percepção e suas consequências filosóficas*. São Paulo: Papirus, 1990.

_____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MONTESQUIEU. *O gosto* (tradução e posfácio Teixeira Coelho). São

Paulo: Iluminuras, 2005.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a forma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fonte, 2008.

NAVAS, Adolfo Montejo. *Pedras pensadas*. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

NAVEH, Joseph. *Origins of the alphabet: introduction to archaeology*. Israel: The Jerusalem publishing house/Palphot, 1996.

NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NEWHOUSE, Vitoria. *Art and the power of placement*. New York: Monacelli, 2005.

O'DOHERTY, Brian. *No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PALMER, Douglas, JAMES, Nicholas e SPARROW, Giles. *Fortuna e glória: relatos dos maiores aventureiros arqueológicos da história* (trad. Antonio de Padua Danesi). São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

PESSOTTI, Isaias. *O manuscrito de Mediavilla*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

PIGNATARI, Décio. *Informação. Linguagem. Comunicação*. Cotia: Ateliê editorial, 2003.

_____. *Contracomunicação*. Cotia: Ateliê editorial, 2004.

_____. *Semiótica & Literatura*. Cotia: Ateliê editorial, 2004.

_____. *O que é comunicação poética*. Cotia: Ateliê editorial, 2005.

PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

PLAZA, Julio; TAVARES, Mônica. *Processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais*. São Paulo: Hucitec, 1998.

PRADA, Juan Martín. *La crítica al discurso histórico tradicional in la apropiación posmoderna: arte, prática apropiacionista y teoria de la pos-modernidade*. Madrid: Editora Fundamentos, 2001.

PUTNAM, James. *Art and artifact: the museum as medium*. New York: Thames & Hudson, 2001.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004.

RAPHAELIAN, H. M. *Signs of life: a pictorial dictionary of symbols*. New York: Anatol Sivas Publication, 1957.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Arqueologia: teorías, métodos y práctica*. Madrid: Ediciones Akal, 1993.

RENFREW, Colin. *Figuring it out - the parallel visions of artists and archaeologists*. London: Thames and Hudson, 2003.

RENFREW, C.; ZUBROW, E. (Eds.). *The Ancient Mind. Elements of cognitive archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RENFREW, C.; BAHN, P. *Archaeology: theories, methods and practice*. London: Thames & Hudson Ltda, 2008.

ROY, Véronique. *Museu*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes de criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Horizonte, 2006.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamound, MinC, IPHAN, DEMO, 2006.

SAUNERON, Serge. *A egiptologia* (trad. Heloysa de Lima Dantas). São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

SCHNAPP, Alain. 'A arqueologia' in LE GOFF, Jacques (org.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coorden.). *Museus, discursos e representações*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

SHANKS, M. *Experiencing the past: on the character of archaeology*. Londres: Routledge, 1992.

SHELDRAKE, Rupert. *O renascimento da natureza: o reflorescimento da ciência e de Deus*. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. *Sete experimentos que podem mudar o mundo: pode a ciência explicar o inexplicável?* São Paulo: Cultrix, 2003.

SHERMAN, Daniel J. & ROGOFF, Irit. *Museum culture: histories, discourses, spectacles*. Mineapolis: University of Minesota Press, 1994.

SIMPSON, George Gaylord. *A descronização de Sam Magruder*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 1997.

SIMPSON, William Kelly. *The literature of ancient Egypt - an anthology of stories, instructions, stelae, autobiographies and poetry*. London: Yale University press/New Haven & London, 2003.

STROSBURG, Eliane. *Art and science*. New York: Abbeville Press Publishers, 1999.

TALLET, Pierre. *História da cozinha faraônica: a alimentação no Egito Antigo* (trad. Olga Cafalcchio). São Paulo: Editora Senac, 2005.

THOMAS, Selma e MINTZ, Ann (editores). *The virtual and the real: media in the museum*. Washington: American Association of Museums, 1998.

THOMPSON, Richard L.; CREMO, Michael A. *A história secreta da raça humana* (trad. Braktivedanta Books Trust). São Paulo: Aleph, 2008.

TRIGGER, Bruce G. *Além da história: os métodos da pré-história* (trad. Ulpiano Bezerra de Menezes). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

_____. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004.

TWAIN, Mark. *O roubo do elefante branco*. S. Paulo: Cosac Naify, 2004.

VERNE, Julio. *Obras Completas*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

WAGNER Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WALKER, C.B.F. *Reading the past: cuneiform*. London: British museum press, 1998.

WEIL, Stephen E. *A cabinet of curiosities: inquires into museums and theirs prospects*. Washington & London: Smithsonian Institution Press, 1995.

WELLS, H. G. *A máquina do tempo* (trad. Fausto Cunha. introdução Jorge L. Borges). Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1981.

_____. *A guerra dos mundos* (trad. de Thelma Médici Nóbrega). Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

_____. *A ilha do Dr. Moreau* (tradução prefácio e notas de Bráulio Tavares). Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012.

WESCHLER, Lawrence. *Mr. Wilson's cabinet of wonder*. New York: Vintage Books, 1995.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura* (tad. Alípio C. de Franca Neto). São Paulo: EDUSP, 2000.

WILLIAMS, Stephen. *Fantastic archaeology: the wild side of north american prehistory*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.

_____. *Antes: história da pré-história*. São Paulo: Editora Gráficos Burti, 2004.

_____. *Arqueología: los yacimientos arqueológicos y los tesoros culturales más importantes del mundo*. Barcelona: Blume, 2009.

_____. *Description de l'Egypte*. Germany: Benedikt Taschen, 1994.

Revistas

O Arqueólogo Português. 'Volume comemorativo do 150º aniversário do nascimento de José Leite de Vasconcelos (1858-2008)' e edição digital dos números publicados de 1895 a 2003, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo A. 'Arqueologia brasileira: visão geral e reavaliação' in *Revista de História da arte e Arqueologia*, Campinas, n. 1, 1994.

LIGHTFOOT, K.G. 'Culture contact studies: redefining the relationship between prehistoric and historical archaeology' in *Society for American Archaeology*, 1995, Vol. 60, nº 2.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. nº 34 / 2012. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional MinC, 2012.

**Subsídios para o estudo comparado
dos artefatos resgatados:
referência AF.IR.020 projeto B.C.
BYTE 1995-2015**

Anexos

Anexo 1

---

situação geográfica
dos sítios arqueológicos
contemplados no projeto

Templo de Mut, Complexo de Karnak

Vale Deir el Bahri, *Egito*

fig. 1

fig. 2

fig. 3

fig. 4

fig. 5

Lago Luise, Banff National Park

Alberta, *Canadá*

fig.6

fig.7

fig.8

fig.9

fig.10

fig.11

fig.12

fig.13

fig.14

Bahia, *Brasil*

fig.16

fig.17

fig. 18

fig. 19

Sevanavank, Lago Sevan

Sevan, *Armênia*

fig.20

Armenia through out the history

fig.21

fig.22

fig.23

fig.24

fig.29

fig.30

fig.31

Anta Grande da Comenda

Montemor-o-Novo, *Portugal*

fig.32

fig.33

fig.34

fig.33

fig.34

fig.35

fig.36

fig.37

fig. 38

Bagre e Gurupá

Arquipélago de Marajó, Pará, *Brasil*

fig.39

fig.40

fig.41

fig.42

fig.43

fig.44

fig.45

Anexo 2

---

registro fotográfico

arqueologia de campo
processo de identificação
análise e divulgação

Expedição Egito

1993

fig. 46

fig. 47

fig. 48

fig. 49

fig. 50

fig. 51

fig.52

fig.53

fig.54

fig.55

fig.56

fig.57

fig.58

fig.59

fig.60

fig.61

fig.62

fig.63

fig. 64

fig. 65

fig. 66

fig. 67

fig. 68

fig. 69

fig. 70

fig. 71

fig. 72

fig. 73

fig. 74

fig. 75

fig. 76

fig. 77

fig. 78

fig.79

fig. 80

fig. 81

Expedição Banff

1996

fig. 82

fig. 83

fig. 84

fig. 85

fig. 86

fig. 87

fig. 88

fig. 89

fig.90

fig. 91

fig. 92

fig. 93

fig. 94

fig. 95

fig. 96

fig. 97

fig. 98

fig. 99

fig. 100

fig. 101

fig. 102

fig.103

fig. 104

fig. 105

fig. 106

fig. 107

fig. 108

fig. 109

fig. 110

fig. 111

fig. 112

fig. 113

fig. 114

fig. 115

fig. 116

fig. 117

fig. 118

fig. 119

fig. 120

fig. 121

fig. 122

fig. 123

fig. 124

fig. 125

fig. 126

fig. 127

fig. 128

fig. 129

Expedição Itaparica

2003 escavação 1

fig. 130

fig. 131

fig. 132

fig. 133

fig. 134

fig. 135

fig. 136

fig. 137

fig. 138

fig. 139

fig. 140

fig. 141

fig. 142

Expedição Itaparica

2003 escavação 2

fig. 144

fig. 143

fig. 146

fig. 147

fig. 148

fig. 149

fig. 145

fig. 150

fig. 151

fig. 152

fig. 153

fig. 154

fig. 155

fig. 157

fig. 156

fig. 158

fig. 159

fig. 160

fig. 161

fig. 162

fig. 164

fig. 163

Expedição Itaparica

2007 escavação 3

fig. 165

fig. 166

fig. 167

fig. 168

fig. 169

fig. 170

fig. 171

fig. 172

fig. 173

fig. 174

fig. 175

fig. 176

fig. 177

fig. 178

fig. 179

fig. 180

fig. 181

Expedição Armênia.

2006

fig. 182

fig. 183

fig. 184

fig. 185

fig. 186

fig. 187

fig. 188

fig. 189

fig. 190

fig. 191

fig. 192

fig. 193

fig. 194

fig. 195

fig. 196

fig. 197

fig. 198

fig. 199

fig. 200

fig. 201

fig. 202

fig. 203

fig. 204

fig. 205

fig. 208

fig. 209

fig. 210

fig. 206

fig. 207

fig. 211

fig. 212

fig. 214

fig. 213

fig. 215

fig. 216

fig. 217

fig. 218

fig. 219

fig. 220

fig. 221

fig. 222

fig. 223

fig. 226

fig. 227

fig. 224

fig. 228

fig. 225

fig. 229

fig. 230

fig. 231

fig. 232

Expedição Montemor-o-Novo

2011

fig.233

fig.234

fig.235

fig.236

fig.237

fig.238

fig.239

fig.240

fig.241

fig.242

fig.243

fig.244

fig.245

fig.246

fig.247

fig.248

fig.249

fig.250

fig.251

fig.252

fig.253

fig.254

fig.255

fig.256

fig.257

fig.258

fig.259

fig.260

fig.261

fig.262

fig.263

fig.264

fig.265

fig.266

fig.269

fig.267

fig.268

fig.270

fig.271

fig.272

fig.273

fig.274

fig.276

fig.277

fig.275

fig.278

fig.282

fig.279

fig.280

fig.281

fig.283

fig.284

fig.285

fig.286

fig.287

fig.288

fig.289

fig.290

fig.291

fig.292

Expedição Marajó

2012

fig.293

fig.294

fig.295

fig.296

fig.297

fig.298

fig.299

fig.300

fig.301

fig.302

fig.303

fig.304

fig.305

fig.306

fig.307

fig.308

fig.309

fig.310

fig.311

fig.312

fig.313

fig.314

fig.316

fig.318

fig.317

Anexo 3

---

artefatos exumados nas expedições
objetos em estudo nos acervos de Museus

P1

P2

P3

P5

P6

P7

P8

P9

P10

P11

P12

P13

P14

P15

P16

P17

P18

P19

P20

P23

P24

P25

P26

P27

P30

P32

P33

P34

P36

P37

P38

P39

P40

A coleção de oito volumes, em comemoração aos 20 anos do início do programa, torna público em sua íntegra os 'Subsídios para o estudo comparado dos artefatos resgatados: referência AF.IR.020, projeto B.C. BYTE, 1995-2015'. Em 1995, a exposição inédita de onze objetos arqueológicos simultaneamente à divulgação de descobertas recentes de artefatos similares pouco estudados e que permaneciam esquecidos em acervos dos departamentos de arqueologia das universidades, museus e instituições afins, propiciou a elaboração deste projeto para a reavaliação e reestudo extensivo a uma série de peças consideradas de menor relevância, exumadas em seis sítios arqueológicos ao longo de quase 90 anos. O projeto efetuou o resgate de grande parte da documentação histórica para a localização das descobertas destes objetos e a avaliação apurada deles, utilizando tecnologias de última geração. Os novos métodos de identificação possibilitaram a elaboração de novas hipóteses para uma interpretação contextualizada. O programa proporcionou também o reexame dos locais das escavações de cinco sítios arqueológicos onde parte dos referidos objetos encontravam-se depositados. À partir de uma recolha e organização dos dados disponíveis para o trabalho de campo das expedições (prospecção e escavação), a noção pré-existente foi alterada, suscitando novas descobertas, análises e interpretações.

Volume I
Projeto B.C. Byte.

Inês Raphaelian (org.)

**Subsídios para o estudo comparado
dos artefatos resgatados:
referência AF.IR.020 projeto B.C. BYTE
1995-2015**

Volume I
Projeto B.C. Byte.

Inês Raphaelian (org.)